

Quero ser escritor

Escritores, editores
e críticos apontam
os caminhos e as
dificuldades de iniciar
carreira na literatura





EDITORIAL

A profusão de eventos sobre literatura no Brasil atual deu aos nossos autores a oportunidade de viver uma “vida literária”, muitos deles se dedicando apenas a bate-papos, palestras e oficinas de criação literária. Esse cenário propício ao debate literário não beneficia apenas escritores já estabelecidos na cena literária, mas também quem quer um dia fazer parte desta cena.

Esta edição do Cándido ouviu escritores, críticos e editores, que indicaram os caminhos que podem ser trilhados a quem deseja iniciar carreira na literatura. Nunca foi tão fácil e barato publicar ficção no Brasil, mas, mesmo com as possibilidades que se apresentam — autopublicação, *blogs*, pequenos selos, etc. —, o mercado editorial e o formato tradicional do livro em papel ainda exercem grande influência no cenário literário, já que uma possível literatura saída da internet, alardeada no começo dos anos 2000, não se confirmou. Mas, então, como conseguir espaço em uma área tão disputada e hermética quanto a literatura?

“Formar um currículo é interessante. Currículo não garante a publicação de forma alguma, mas aumenta sua chance de ser avaliado. Tem gente que começa com tradução, outros com contos em coletâneas, outros têm ótima formação acadêmica, outros têm artigos em jornais importantes, outros uma história de vida. O avaliador tem de se sentir atraído para apanhar o livro e gastar horas nele, ainda que seja para decidir não publicá-lo”, recomenda o editor Carlos Eduardo de Magalhães, da Grua Livros.

Além da matéria de capa, a décima edição do **Cândido** traz os melhores momentos do papo com Fernando Moraes, que abriu a programação do projeto Um Escritor na Biblioteca em 2012. Entre os inéditos, a edição conta com poema da mineira Ana Martins Marques, crônica do carioca João Paulo Cuenca e conto do curitibano Roberto Gomes.

Boa leitura a todos.

HUMOR

ANDRÉ DAHMER

ESCREVER É VOMITAR A ALMA



CARTAS

A edição nº 8 do **Cândido** — março 2012 — conta-nos, em texto e fotos, uma história que vem aumentando, cada vez mais, os vários sentimentos: admiração, aplausos infinitos e, quem sabe, alcançando o sonho de, um dia, crescermos a tal ponto de termos, também, um jornal ou informativo próprio, específico, memorialístico, brilhante como esse que editam, em conformidade com os tempos de ontem, de hoje e de sempre.

Lygia Dias de Toledo — Juiz de Fora/MG.

Em plena era da internet, mas também da desvalorização da educação e da cultura, temos no **Cândido** um balsamo, um alívio para esse terrível vício. O jornal traz, de forma despreocupada, o que estamos precisando: cultura. Meus parabéns, o jornal está ótimo.

Kallil Assad — Curitiba/PR.

EXPEDIENTE



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior.

Redação: Daniel Zanella, Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice e

Guilherme Magalhães Fotografia: Kraw Penas. Projeto gráfico

e diagramação: Versão Design. Colaboradores desta edição:

Ana Martins Marques, André Dahmer, Cadão Volpato, José

Aguilar, João Paulo Cuenca, Marcelo Cipres, Nina Moraes, Rafael

Cerveglieri, Ricardo Humberto, Roberto Gomes e Robson Vilalba.

Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba - PR.

Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h.

Sábado: 8h30 às 13h

CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO DE ORIGINAIS

Todos os originais enviados ao **Cândido**, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do Cándido, que privilegia obras inéditas que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:

- De estilo: correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade.
- De conteúdo: nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem.

O Conselho Editorial não analisa:

- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.

As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:

- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.



BIBLIOTECA AFETIVA

Sou o típico cara de livros de cabeceira, porque leio todo dia antes de dormir. Mas sou um leitor volúvel e infiel. Minha cabeceira teve fases, correspondentes aos meus amores do momento. Alguns amores sempre voltam: Kaváfis, Trackl, Pound, Hugs, Eliot, Celan, Baudelaire... Enfim, poesia. Já tive a minha fase de teoria dos anos 1960, minha fase grega, de grandes romances como Tolstoi e romances *pop*, como Vonnegut, ou autores híbridos, como Joyce, Walser e Manganeli. A teoria também sempre volta, com Barthes, Foucault, Adorno e o chamado “marxismo ocidental”. Além do próprio Marx, um de meus autores prediletos, inclusive esteticamente. Já tive minha fase Dante, Shakespeare, minha fase História da Arte (a mais longa de todas), e até minha fase freudiana. Tive até uma fase anarquista, guiada por Max Nexttiau. Mas meu amor do momento são os quadrinhos, no qual reinam absolutos George Herriman e Roy Crane. Estou convencido que Herriman é um dos maiores artistas de todos os tempos, tanto em técnica, quanto em linguagem. Sim, Krazy Kat, de George Herriman, deve ser o meu amor.

Rafael Campos Rocha é ilustrador. Vive em São Paulo (SP).



Divulgação

O *deserto dos Tártaros*, de Dino Buzzati, é a história do Tenente Giovanni Drogo, que durante anos serve no isolado forte Bastiani, onde nada acontece e de onde só se avista um deserto sem fim. Nesse tempo, a única expectativa é a incerta e lendária chegada do exército dos tártaros – esperança de que a vida, cheia de nada, ganhe um sentido. Nessa poderosa e dura fábula, Drogo passa a vida entre a ilusão de conseguir a sua desforra contra a vida banal e uma incerteza: e se for um homem comum, a quem não cabe senão um destino medíocre?

Almir de Freitas é repórter da revista Bravo! Vive em São Paulo (SP).



Divulgação

Nunca acreditei que Cuba fosse o “império do mal” e nem nessa propaganda negativa que a imprensa não cansa de fazer sobre uma das mais bem-sucedidas experiências alternativas ao capitalismo selvagem, que os meios de comunicação tanto exaltam. Mas o grande barato de *Os últimos soldados da Guerra Fria*, de Fernando Moraes, não é só perceber, mesmo com toda isenção do escritor, o que acontece nas relações entre Cuba e Estados Unidos, mas também se deliciar com um dos melhores livros de espionagem e aventura que eu tive oportunidade de ler. E o mais legal, é que tudo ali é real. Desde a simplicidade do terrorista, que só queria ser o Sylvester Stallone, até as astutas resoluções de Cuba para ficar em vantagem diplomática com os Estados Unidos. Tudo faz parte desta história e também da nossa história, afinal de contas estamos todos no mesmo tabuleiro desse jogo. Recomendadíssimo!

Vlad Urban é guitarrista da banda Sick sick sinners e criador do Psycho Carnival. Vive em Curitiba (PR).



Divulgação

Anita Garibaldi: uma heroína brasileira, de Paulo Markun, é um retrato das vidas de Giuseppe Garibaldi e de Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi. Através deste livro, compreendemos a dimensão desta mulher dedicada e corajosa, que esteve ao lado do marido em diversas revoluções. Um livro que indico para a compreender melhor as batalhas no Sul do Brasil.

Canisio Miguel Morch é bibliotecário da Divisão de Documentação Paranaense da BPP. Vive em Curitiba (PR).



Kraw Penas

CURTAS DA BPP

Um Escritor na Biblioteca recebe Joca Reiners Terron

Considerado um dos mais talentosos e inventivos escritores de sua geração, Joca Reiners Terron é o segundo convidado do projeto Um Escritor na Biblioteca em 2012. O encontro acontece no dia 24 de abril, às 19h, no Auditório Paul Garfunkel, na Biblioteca Pública do Paraná.

Terron nasceu em Cuiabá, em 1968, e vive em São Paulo. Poeta, prosador e designer gráfico, foi editor da Ciência do Acidente, pela qual publicou o romance Não há nada lá e o livro de poemas Animal anônimo. É autor também dos volumes de contos Hotel Hell, Curva de rio sujo e Sonho interrompido por guilhotina. Em 2011 o escritor venceu o prêmio Machado de Assis na categoria Romance, com o livro Do fundo do poço se vê a lua.

A prosa de Terron é marcada pela profusão de estilos literários, dando origem a uma literatura ao mesmo tempo nova e original, que parte da tradição em busca da experimentação. Seu mais recente livro, Guia de ruas sem saída, acaba de ser lançado e traz desenhos do artista visual curitibano André Ducci. Até novembro, outros sete escritores vão participar do bate-papo na BPP, entre eles João Gilberto Noll, Rubens Figueiredo, Edney Silvestre e Luiz Vilela. O próximo encontro será em 15 de maio, com Domingos Pellegrini. Todos os encontros têm entrada franca.

Releitura

Um Escritor na Biblioteca é a releitura do projeto homônimo realizado pela BPP na década de 1980. Na primeira versão, passaram pela BPP Fernando Sabino, Helena Kolody, Paulo Leminski, Fernando Sabino, entre outros.

As conversas também são transcritas, editadas e publicadas pelo Cândia, jornal de literatura da Biblioteca Pública do Paraná. A TV E-Paraná, parceira da Biblioteca no projeto, grava e transmite os bate-papos em sua grade de programação.

Serviço

Um Escritor na Biblioteca

Bate-papo com o escritor Joca Reiners Terron;

Dia 24 de abril, terça-feira, às 19h.

No Auditório Paul Garfunkel, no segundo andar da Biblioteca Pública do Paraná (Rua Cândido Lopes, 133, Centro, Curitiba-PR), (41) 3221-4900.

Entrada franca.

Domingos Pellegrini na BPP

O escritor Domingos Pellegrini é o convidado do terceiro encontro do projeto “Um escritor na Biblioteca” deste ano, que acontece no dia 15 de maio, às 19 horas, no Auditório Paul Garfunkel. Paranaense de Londrina, Pellegrini é romancista, contista, cronista, poeta, jornalista e publicitário. Venceu o Prêmio Jabuti de 1977 com seu primeiro livro de contos, O Homem Vermelho. A entrada é franca.

Luís Augusto Fischer coordena oficina de crítica literária

Estão abertas as inscrições para a Oficina BPP de Criação Literária – Crítica Literária. Ministrada pelo crítico e professor de Literatura Brasileira Luís Augusto Fischer, a oficina acontece nos dias 14, 15 e 16 de junho, das 14h às 18h nos dois primeiros dias (quinta e sexta-feira), e das 9h às 12h no terceiro dia (sábado). Os interessados devem enviar e-mail para o endereço oficina@bpp.pr.gov.br, com o seguinte material: duas resenhas, de até 40 linhas cada, sendo uma a respeito de alguma obra de Machado de As-



Fernando Morais

Após 27 anos de sua primeira participação no projeto “Um Escritor na Biblioteca”, em 1985, o jornalista e biógrafo retorna à BPP para falar de sua extensa obra e de seu mais recente livro, *Os últimos soldados da Guerra Fria*



O jornalista e escritor Fernando Morais é autor de dez livros. Destes, apenas quatro são biografias. O que, no entanto, não impediu que o autor ficasse conhecido como um dos principais biógrafos do país. “Não me importo com a imprecisão. No fundo, faço o que todo jornalista gostaria de fazer no cotidiano das redações: apurar com exaustão o assunto, dispor de tempo para escrever da melhor maneira possível e dispor de espaço para publicar”, explica o autor, que já recebeu três vezes o Prêmio Esso de Jornalismo. Seu livro mais recente, *Os Últimos Soldados da Guerra Fria*, conta a história de um grupo de cubanos infiltrado nas organizações anticomunistas dos Estados Unidos, numa trama eletrizante, que se aproxima dos *thrillers* policiais. Durante o bate-papo na BPP, Morais também falou sobre seus polêmicos personagens, entre eles Paulo Coelho, Assis Chateaubriand e Olga Benário, que lhe renderam obras controversas, mas de sucesso. “No *Olga*, eu conto, sem transformar numa bisbilhotice, que aos 37 anos [Luís Carlos] Prestes era virgem, nunca tinha ido pra cama com uma mulher. E as pessoas vieram me cobrar do por que eu toquei nesse assunto”. Na conversa, mediado pelo jornalista Luiz Andrioli, Fernando Morais também relembrou as primeiras leituras, realizadas na infância, quando morava na pequena Mariana, cidade do interior de Minas Gerais onde nasceu. “Sou o que sou, ganhei a vida, eduquei meus filhos e criei minha família, por causa de livros, estimulado pela intimidade com a biblioteca da minha casa primeiro, e depois, dos livros que fui comprando ou roubando”. Confira a seguir os melhores momentos do bate-papo.

De 1985 a 2012

Para mim é uma alegria redobrada participar deste projeto, pelo fato de ter estado aqui há 27 anos, com Leminski. Acho que a maioria do auditório não era nem nascida, seguramente. É muito bom estar aqui, rever este projeto tão interessante, que acabou sendo abandonado ao longo do caminho e que felizmente a biblioteca retoma neste momento. Mudou muito, mudou tudo. Subi até o terceiro andar, e ali no meio da escada vi uma foto minha assinando meus livros, naquela ocasião, em 1985. Mudou o autor, em primeiro lugar, que tinha barba preta, o cabelo pretinho. O Brasil mudou muito, e mudou pra melhor, certamente. Tem muita coisa que precisa mudar ainda, sobretudo na área cultural, na educação, que é a base de tudo isso. Em 1985 a gente estava saindo da ditadura militar, ainda era um Brasil com ressentimentos, com feridas muito abertas. Poder olhar pra trás, pra esses quase 30 anos, é bom, é satisfatório saber que em alguma medida a gente participou disso. Deu um grãozinho de areia pra mudar a cara desse país, esse país que agora está na moda — e felizmente está na moda. Lembro-me quantas e quantas vezes a gente rodava pelo mundo e só tinha notícia de massacre de criança, de massacre de índio, de brutalidade contra pobre. Não que isso acabou, isso continua, mas já não é mais por isso que o Brasil é conhecido.

Formação como leitor

Sou filho de uma família modesta. Meu pai era bancário e depois acabou virou um alto executivo de banco. Mas sem virar banqueiro, foi empregado a vida inteira. Ele era um homem muito culto, muito refinado intelectualmente. E veja que curioso: eu imaginava que minha casa era enorme. Quando voltei a Mariana [cidade natal do autor, em Minas Gerais] anos depois, pedi a atual proprietária para entrar na casa, e é impressionante, era uma casa modestíssima. Não sei como guardei na minha memória que eu vivia num casarão

que, na verdade, cabe nesse palco. E além de pai, mãe e nove filhos, havia uma quantidade monumental de livros. Meu pai deixou pouca coisa material para os filhos, mas quando ele morreu, eu disse que queria os livros, eram mais de 2 mil, uma biblioteca expressiva por ser privada. Estou convencido de que sou o que sou, fundamentalmente, por causa desses livros. Comecei a ler muito cedo e, logo que aprendi a ler, lembro que meu pai começou a mudar os livros de posição nas estantes. Ele punha nas estantes mais altas os livros que criança não devia ler. Livros que falavam de sexo, por exemplo. Estou convencido de que foi essa intimidade tão precoce com os livros que me levou a gostar de ler. E não se aprende a escrever sem ler. Não conheço nenhum bom autor que não seja um leitor voraz. Acho que ali adquiri o gosto pela leitura, e a partir daí, o prazer de escrever. Um prazer doloroso. Sofro muito pra escrever. A alegria só vem depois que o livro fica pronto. Não é uma figura de retórica por estar dentro de uma biblioteca, mas eu sou o que sou, ganhei a vida, eduquei meus filhos e criei minha família por causa de livros, estimulado pela intimidade com a biblioteca da minha casa primeiro e, depois, dos livros que fui comprando.

Do jornal para o livro

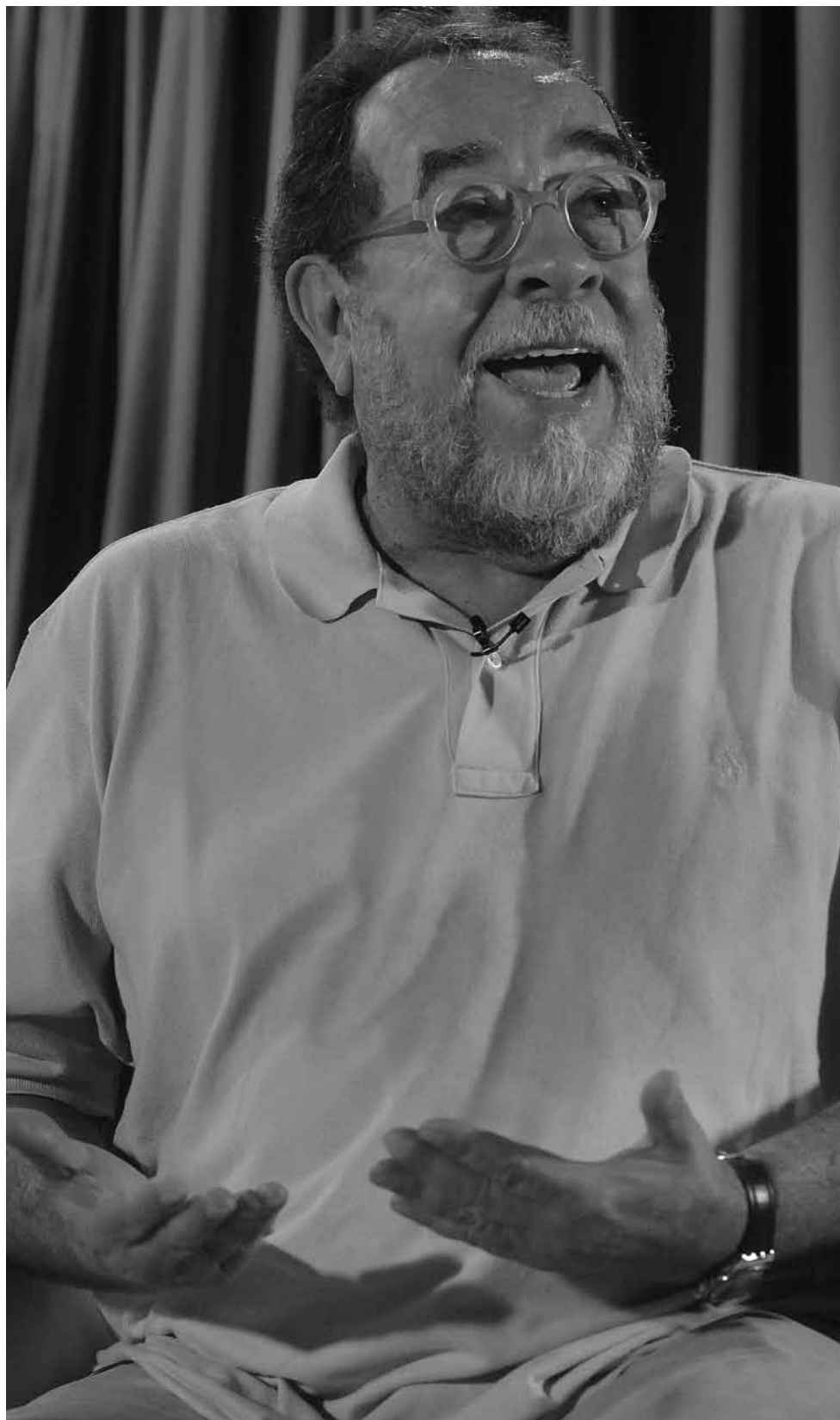
Desde meu primeiro livro até este, *Os últimos soldados da Guerra Fria*, todos são grandes reportagens. Tem gente que faz o mesmo gênero que eu e se envergonha. É mais nobre dizer que é escritor, não repórter, como se isso fosse uma atividade menor. Primeiro, não acho que seja menor. Segundo, ainda que fosse, é isso o que eu faço. É esse o meu trabalho. É curioso porque acabei identificado como biógrafo, quando, na verdade, dos dez livros que publiquei, apenas quatro são biografias. Mas não me importo com isso, apesar da imprecisão. No fundo, faço o que todo jornalista gostaria de fazer no cotidiano das redações. Apurar com exaustão o assunto, dispor de tempo para escrever da melhor maneira

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

possível, e dispor de espaço para publicar. Isso é uma ilusão, uma utopia, porque no jornalismo cotidiano você não dispõe nem de tempo para pesquisar com profundidade e nem de espaço para publicar. Hoje em dia, mesmo nos grandes jornais, matérias de mais de 80 linhas têm que ser autorizadas pessoalmente pelo dono do jornal. Eu sou de outro século. Lembro-me da reportagem que fiz sobre a construção da Transamazônica, em 1970, na verdade meu primeiro livro. O *Jornal da Tarde* publicou essa reportagem durante uma semana, num caderno com quatro páginas diárias. Hoje em dia nem a derrubada das Torres Gêmeas, a invasão do Iraque pelos Estados Unidos ou a morte do Kadhafi justificariam quatro páginas diárias durante uma semana no jornal. Talvez por isso me tornei autor de livros, para publicar aquilo que o jornalismo diário já não comportava mais. Meus livros, biografias ou não, são no fundo uma realização daquilo que eu não pude fazer na vida jornalística.

Processo de escrita

O jornalismo de hoje ficou muito preguiçoso. Nos livros, faço questão absoluta de descrever para meu leitor como o sujeito é. Fulano estava de tênis preto, meia listradinha, usava um casaco. Tem a barba mais ralinho aqui, mais fechada ali. E o ambiente: como é a casa do cara. Se tem gato, cachorro. Isso é algo irrelevante para a notícia, pode até ser, mas é tão melhor para o leitor. Acho que o leitor deve ser bem tratado. Não faço entrevista por telefone com ninguém. *Os últimos soldados da Guerra Fria* tem uma história que se passa metade em Cuba, metade nos Estados Unidos. Já tinha dado a pesquisa por terminada, quando surge uma informação nova. Eu tinha que falar com um personagem novo que ainda não estava na história, e morava em Sarasota, na Flórida. A grana que eu tinha para o livro já tinha ido embora, mas mesmo assim, peguei um avião, fui até a casa do sujeito para fazer a entrevista com ele. Para dizer se ele era gordo, magro, feio,



“ Não conheço nenhum bom autor que não seja um leitor voraz.”

bonito, mal-humorado, bem-humorado, tem gato, tem cachorro, vive numa mansão ou numa quitinete. Eu podia fazer por telefone, por internet, até por Skype, daria pra ver a carinha dele. Mas acho que o leitor merece mais do que isso. Quem aqui já leu algum livro meu, sabe. Todos os personagens, salvo exceções, têm descrições não só da atmosfera em torno dele, como dele mesmo.

Corações sujos

As pessoas me perguntam se eu escrevo pensando na adaptação do livro para o cinema. Eu digo não, escrevo pensando no leitor. *Corações sujos* estreia dia 1º de junho aqui no Brasil, e três semanas depois estreia no Japão. Belíssimo longa metragem, fiquei comovido quando vi. Olha que é uma história que ocorreu quando eu estava nascendo, e cada um dos personagens tem uma descrição. Como que eu consegui isso se muitos deles já morreram? Falando com as pessoas que conviveram com eles. Fui ao Japão duas vezes durante a pesquisa desse livro, para desenterrar perfis de personagens, saber como o sujeito era, o que comia, como vivia.

Spike Lee

Enquanto a gente vinha pra cá, você me perguntou da história do Spike Lee, que eu acho ser um indicador desse *boom* brasileiro, dessa curiosidade que o Brasil novo, sobretudo do Lula pra cá, sem desdém a nenhum antecessor dele. Sou vizinho e amigo do Fernando Henrique Cardoso, mas na verdade esse *boom* surgiu a partir do Lula. Até pelo fato de o Lula ter sido um operário, camarada sem dedo, sem instrução. Virar Presidente da República e conseguir incorporar ao mundo dos que tomam café da manhã, almoçam e jantam todo dia uma multidão de 40, 50 milhões de pessoas é incrível porque isso é quase a população da França. Então todos esses fatores acabaram contribuindo para que o Brasil entrasse na moda por razões, pela primeira vez em muito tempo, positi-

“ Sofro muito pra escrever. A alegria só vem depois que o livro fica pronto.”

vas. Tem muito problema ainda, muito pepino. Pepino na nossa área, pepino na educação. É impossível ter um país civilizado em que professor ganhe tão mal como ganha no Brasil. Fui secretário de educação do Estado de São Paulo, e sei da chaga, da tragédia que é a educação pública do Brasil. Sei que ainda tem muito abacaxi pra ser descascado, mas o lado positivo desse salto do Brasil acabou despertando o Spike Lee. Ele, que é cineasta americano, vem ao Brasil no mês que vem [maio] pra dirigir um documentário, um longa-metragem, sobre o Brasil, que tem um nome muito curioso, vai se chamar *Go, Brazil, Go*. E esse *go* tem um duplo sentido pra ele, que gosta de futebol. Tanto pode ser o *go* do *up*, do vamos, quanto o *go* do gol, de enfiar a bola lá dentro da trave. Eu nunca gostei de futebol, sou um mau brasileiro nesse sentido. Por sorte, vou participar do projeto. Ele me convidou para coordenar a pesquisa dele e participar do roteiro.

Olga

Lembro-me da discussão que tive com acadêmicos sobre o *Olga*. No livro, eu conto, delicadamente, respeitosamente, sem transformar numa bisbilhotice, que quando Prestes e Olga vão pra cama pela primeira vez, ele já tinha 37 anos e ela 20. Ela já tinha dormido com um monte de gente, era uma alemã de Berlim do começo do século XX, e Berlim, naquela época, era o centro do mundo. Antes do nazismo, obviamente, Berlim era o centro das grandes mudanças comportamentais, então ela já tinha uma vasta experiência. Enquanto que, aos 37 anos, o Prestes era virgem, nunca tinha ido pra cama com uma mu-

lher. Conto isso no livro respeitosamente, mas conto. E as pessoas vieram me cobrar por conta disso. Sobretudo os comunistas, meus queridos amigos do partidão. Falaram que o fato de ele ser ou não virgem aos 37 anos não mudou em nada a história do movimento operário no Brasil. Respondi que pode não ter importância para você, mas pra mim tem, e essa é a *minha* história. Acho importante, quando se está escrevendo uma biografia, saber que uma das figuras mais importantes da história da política brasileira, aos 37 anos, nunca tinha estado com uma mulher, e foi dormir com uma menina que já tinha horas de voo para pilotar um Jumbo. E acho importante dizer que o Prestes me contou isso espontaneamente, sem que eu tivesse perguntado. Se essa história estivesse sendo apurada pela minha mulher, que é historiadora, certamente essa informação teria sido descartada. Acredito que toda profissão, seja ela qual for, acaba adicionando uma natureza adicional. Um bom alfaiate é capaz de pegar um tecido e de olhos fechados, falar se dá um bom terno. Um bom mestre de obras é capaz de pegar um tijolo, e de olhos fechados, dizer se rende uma boa casa. O jornalista adquire uma natureza de ver coisas que as pessoas não veem.

Subjetividade

O que são os Evangelhos? Não são nem versões, são visões diferentes do mesmo fato. Não há nada mais subjetivo do que a objetividade. O simples fato de você ter escolhido determinado tema já é algo subjetivo. Por que eu escrevi um livro sobre Cuba 40 anos atrás, e não sobre o Vietnã? Já tem uma subjetividade aí. E isso vale para rigorosamente tudo. Eu abro o *Olga*, na apresentação do livro, falando que aquela é a minha história. Se você, na mesma época que eu, estivesse fazendo um livro sobre Olga Benário, provavelmente sairia um livro diferente. Porque você é diferente de mim, seu olho é diferente do meu. Sua formação é diferente da minha, e isso vai se refletindo na sua vida inteira, em todas as



“ Tem coisas que a pessoa não confessa nem no banheiro com a luz apagada e a porta trancada.”

suas escolhas.

ACM

Estou devendo até hoje para os meus leitores a biografia do Antônio Carlos Magalhães. Em todo lugar que eu vou, todo mundo me perguntam sobre isso. Mas por que eu deixei de escrever a biografia do ACM e escrevi *Os últimos soldados da Guerra Fria*? Porque eu vou escrever o ACM em algum momento. Estou esperando o defunto esfriar e o espírito subir, para daí entrar no jogo. Se você for ao meu escritório, em São Paulo, vai ver que tem caixas e caixas sobre coisas que pretendo escrever. Meus planos são ambiciosos, quero chegar aonde chegou Oscar Niemeyer, 104 anos em lua de mel.

Paulo Coelho

Existem outras duas biografias do Paulo, inclusive uma escrita pelo Juan Arias, jornalista espanhol, correspondente do *El País* no Brasil. Não tem nada a ver com o meu livro. Não fala de satanismo, não fala de homossexualismo, não fala de maconha, cocaína, heroína, não fala de induzir namorada ao suicídio. É um livro mais suave, mais parecido com as coisas que o Paulo escreve. Muita gente deixou de ler *O Mago*, a biografia que fiz do Paulo, supondo que fosse um livro parecido com as coisas que ele escreve, coisas mais suaves, que falam mais à alma das pessoas. Mas não fiz este livro. Fui desenterrar os defuntos que tinham lá no fundo das catacumbas dele. De apagar cigarro na perna de namorada, de induzir namorada ao suicídio, de três relações homossexuais seguidas para saber se era ou não era gay. Num dia ele decide se matar, se suicidar. Ele era ga-roto, e de madrugada lacra as portas e janelas da cozinha da casa dos pais. Na hora de acender o gás, para morrer, dá uma paranoia, porque uma coisa é pensar em morrer, outra coisa é estar diante da iminência real de ir embora, de fazer o *check-out*. Ali ele se apavora. Porque ele tinha uma versão de que quando você decide morrer, um anjo da morte vem ao mundo, e só volta se

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

levar uma alma. Daí ele pega o cachorro da casa e passa uma faca de cozinha na garganta do cachorro e pronto, está resolvido. Eu publiquei isso no livro e o Paulo ficou horrorizado. Quando Paulo leu o livro, ele ficou dois, três meses sem falar comigo. Numa entrevista pra televisão italiana, ele disse que, lendo o livro, percebeu que nem ele mesmo sabia que era assim.

Motivação

Eu estava querendo fazer um livro revelador. Quem é este brasileiro que é a pessoa que mais vende livros no planeta? Já vendeu 160 milhões de livros. Sei como é duro vender livro, o suor que é vender 1000 livros, e esse cara me vende 160 milhões no planeta inteiro. E aí descobri um personagem espantoso. A vida dele, que eu supunha ser uma vida absolutamente água com açúcar, água de flor de laranjeira, como se diz em Minas, é uma sucessão de tragédias religiosas, familiares, sexuais. Tudo. É um personagem espantoso. É o meu livro de maior sucesso fora do Brasil, e já não tenho mais a vaidade de supor que a razão do sucesso seja porque eu o escrevi. Não. Porque é um livro revelador, sobre um personagem planetário. Se você for a Beirute, a Amsterdam, a Kuala Lumpur, tem Paulo Coelho à venda em tudo quanto é lugar. Por que, antes de ter feito a biografia, eu nunca havia lido Paulo Coelho? Eu sou ateu, não tenho nenhuma convicção religiosa. Daí li o primeiro, li o segundo e pensei já saber do que se trata, não precisava ler os outros. Ele escreveu 20 e tantos livros. Agora, de uma hora para outra, descubro que o cara que escreve isso teve uma vida exatamente oposta. É um filão de ouro, um presente para o autor. A história real de Paulo Coelho é um presente para um autor de biografia.

Cláusulas restritivas

Todo mundo tem cláusulas restritivas. Tem coisas que a pessoa não confessa nem no banheiro com a luz apagada e a porta trancada. Então, a primeira coisa



que faço quando vou fazer um livro sobre alguém é dizer para os familiares (quando o biografado já morreu) o seguinte: “você não lerão os originais”. Lembro-me de quando fui propor ao senador Antônio Carlos Magalhães escrever a história dele. À primeira vista, ele se animou, queria saber quanto custaria. Fiquei surpreso. Ele disse que alguém tinha de pagar a passagem de avião, meu hotel em Salvador. Respondi que isso era conversa minha com meu editor e que o livro não custaria nada para ele. Daí deixei bem claro que ele não iria ler os originais. Na hora que falei isso, ele se levantou, vestiu o paletó e disse “passe bem, não tem livro”. Quinze dias depois, ele me ligou e falou que topava mesmo não lendo. “Eu não me envergonho de nada do que fiz, nem das coisas erradas”, falou. São as cláusulas restritivas, todo lugar tem.

Pesquisa

Varia de livro pra livro. Neste livro mais recente, fiz tudo sozinho. Tudo, tudo. Tem umas 50 entrevistas, mais ou menos, e fiz todas, até por um certo egoísmo. Achei que era bom demais para delegar para alguém. Mas quando a lista de entrevistados é muito grande, eu contrato *freelancer*. Se olhar a lista de entrevistados do *Chatô*, tem mais de 200 pessoas, espalhadas por todo o Brasil, e até pelo exterior,

porque Chateaubriand é um personagem com uma história muito fragmentada do ponto de vista geográfico. Dos confins da Amazônia até a fronteira do Uruguai, tem a impressão digital do Chatô. Se eu fosse fazer as entrevistas todas sozinho, provavelmente estava até hoje na pesquisa. Nada substitui o olho do autor. Mas o ideal seria que eu pudesse fazer todas as entrevistas. Paulo Coelho, por exemplo, não dava para eu fazer tudo. Tinha entrevista no Irã. Como é que faz? Passagem, visto de entrada, tradutor. Aí descobri que tinha um repórter do Estadão, o Lourival Sant’Anna, trabalhando em Teerã. Mande um e-mail para ele, explicando que estava fazendo um livro sobre o Paulo Coelho, e que tinha um rolo dele com um editor iraniano, que até foi preso e tal. Queria saber se o Lourival topava entrevistar esse editor pra mim, além do Ministério da Cultura. Topou e entrevistou.

Dilemas éticos

Já passei por isso, e não é raro. Na biografia do Paulo, por exemplo. Dei umas travadas, de vez em quando, porque estava com um conflito ético. Ele morava numa cidadezinha minúscula no sul da França. Aluguei um apartamento no único hotel da cidade, modestíssimo. O Paulo em geral acordava às oito da manhã.

Eu grudava nele e só o largava na hora em que ele fosse dormir, isso durante dois ou três meses. Estou em casa escrevendo, e aí começa a me bater na cabeça o seguinte: na hora em que vinham as informações cabeludas, eu ficava pensando. Será que eu tenho o direito de revelar publicamente um negócio desses? Coisas que a nossa cultura condena. Fazer essas revelações de um cara que foi tão generoso comigo, que não abriu só a casa dele, abriu a alma dele comigo, e aquilo me deu um mal estar que minha mulher percebeu. E eu dizia que estava incomodado com a perspectiva de tornar públicas informações tão íntimas e tão “negativas” sobre um cara que se entregou para mim, sem nem me conhecer. A gente nunca tinha se visto na vida. Daí minha mulher disse que eu estava querendo submeter o leitor a algo que nem o Paulo Coelho me pediu, que é a censura. Eu não tinha o direito de fazer isso com o leitor. O Paulo não me pediu. Ele podia falar “eu aceito, desde que você não fale das minhas relações familiares”, que também é um negócio de arrepiar os cabelos, barra pesada. Negócio para psicanalista passar a vida inteira estudando, as fantasias dele com o pai e a mãe. Mas o Paulo não pediu, não impôs nenhuma cláusula restritiva. E acabei resolvendo.

Invisível perante o personagem

Acho muito difícil a pessoa agir com absoluta naturalidade com o biografado no pé. Mas vou confessar crimes aqui. Às vezes faço coisas que não são eticamente recomendáveis. Estava em Madri, trabalhando com o Paulo em *O Mago*. Como era a editora que estava pagando, eu ficava nos mesmos hotéis em que ele ficava. Claro que ele ficava na suíte, com cascata artificial e filhote de jacaré de plástico, como diria Nelson Rodrigues. E eu ficava num apartamento normal. Um dia subimos pro quarto dele, depois do trabalho, porque Paulo queria tomar um banho e enquanto isso eu fiquei olhando e-mail, tirando notícias do Brasil pela



internet, no notebook dele. Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma carteira, dessas gordas, cheia de dinheiro, de documento. Deixou-a ali e foi pro banheiro. Eu com o ouvido antenado lá, ouvi o barulho do chuveiro, da porta de correr fechando. Peguei a carteira dele e comecei a bisbilhotar. E vi uma bula de remédio, cujo nome não me lembro. Anotei o nome do remédio na palma da minha mão, voltei pro meu quarto e mandei um e-mail para o meu médico, em São Paulo. “Quem toma tal remédio assim e assim, tem o quê?” O médico respondeu que era pra psoríase, uma doença de pele. Eu nem sabia que o Paulo tinha isso. Depois ele me perguntou como que eu tinha descoberto. Con-

tei e ele riu. Embora não fosse nada grave, não era algo que ele iria me contar.

Lula

Estava no encalço dele há dez anos já, desde que ele se elegeu pela primeira vez. Tenho uma relação muito antiga com o Lula, anterior à vida política dele, do tempo que ele era sindicalista. Eu estava no sindicato na noite em que a tropa de choque invadiu. Mas, depois que ele se elegeu presidente, me afastei um pouco. Agora, um ano atrás, menos até, a gente acabou se entendendo para eu fazer um livro, contando da saída da prisão em 1980 até a entrega do governo para a Dilma em 2011. É uma matéria só de bastidores, só de in-

formação de subsolo. Estou ouvindo várias pessoas, não só ele. É muito complicado fazer história de gente viva, e preciso tomar um cuidado muito grande, porque eu gosto muito do Lula. Não quero que isso interfira no trabalho, mas aparentemente ele também não quer que seja um livro chapa-branca. Desde o começo ele está dizendo para falar com fulano, que é inimigo, vai falar mal, que seria bom ouvir. Acho que a doença deixou ele um pouco mais reflexivo.

Cuba

Muita gente me cobra por apoiar uma ditadura que está há 50 anos no poder. Não sou um defensor incondicional de Cuba, mas escolho os fóruns onde exponho minhas restrições a Cuba por uma única razão: Cuba é um país que está em guerra, há 50 anos, com a maior potência militar e econômica da humanidade, os Estados Unidos. Se os EUA invadiram o Iraque, do outro lado do planeta, que 99% dos americanos não sabem nem onde fica ou que língua fala, é fácil imaginar o risco que corre alguém a 160 km.

Um míssil vagabundo, de quinta categoria, destrói Havana. Em seis minutos, eles conseguem colocar 200 caças bombardeio sobrevoando Cuba. E já fizeram várias vezes isso ao longo desses 50 anos também. Invasão formal (Baía dos Porcos), atentados a bomba em hotel, a fim de minar a indústria turística que estava salvando a economia cubana. Acho que a liberdade de imprensa é um valor universal, não cabe adjetivação, e pelo fato de eu ter convivido oito anos com a presença física do censor na redação, me faz saber da tragédia que é a inexistência de liberdade de expressão. Está havendo mudanças, econômicas, por enquanto. No furor da Revolução Cubana, cujo radicalismo só guarda semelhança com a Revolução Russa de 1917, eles estatizaram tudo. Frequento Cuba desde 1975, já fui não sei quantas dezenas de vezes para lá. Barbeiro é estatal, carrinho de pipoca é estatal, carrinho de batata frita é estatal. Você criar um ministério para administrar carrinho de pipoca não pode dar certo. Mas está acabando, estão privatizando as coisas que têm que ser privatizadas.

Mudanças políticas

Não tenho esperança que aconteça nenhuma mudança de natureza política enquanto não acabar o bloqueio americano. Pode ser, não sei. Para mim vai ser um espanto. Porque converso com todo mundo, do [Ricardo] Alarcón até o povo da rua, há quase 40 anos, e esse convívio que acumulei ao longo do tempo me dá o direito de supor que não haverá mudança de cunho político enquanto não acabar o bloqueio, uma das coisas mais brutais e indecentes que já se viu de um país contra outro. Nunca antes neste planeta um país resistiu por tanto tempo à brutalidade americana, nem o Vietnã. É preciso ficar claro para todos que a Revolução não engata marcha à ré. O melhor é retirar o bloqueio, fazer as coisas pacificamente, para não ter que engolir mais uma derrota. Derrota para eles, os gringos de cabelos loiros e olhos azuis. ■

“Acabei identificado como biógrafo, quando, na verdade, dos dez livros que publiquei, apenas quatro são biografias, e seis não. Mas não me importo com isso, apesar da imprecisão.”

A BIBLIOTECA NO LEBLON E A REVELAÇÃO DO MISTÉRIO

Ilustração:
José Aguiar

Quando a novela das nove horas usa o orquidário do Leblon como cenário para suas tramas, o que acontece com certa frequência, o bairro fica ainda mais caro, mais chato e mais histérico que o normal. Hordas de novos-ricos com pulôveres amarrados nos ombros ocupam a calçada dos bares e os cafés que servem o pior café do mundo ganham filas intermináveis. Mais do que nunca, o bairro se transforma numa passarela onde o carioca exercita a sua vocação irresistível (e principal, dizem) de ver-e-ser-visto.

Levar o cachorrinho para passear, ir ao correio ou comprar um jornal ganha ares de expedição hollywoodiana, com a visão de paparazzi armando escritórios portáteis sobre motocicletas, enviando fotos *em tempo real* para portais na internet da celebridade da vez que foi cortar o cabelo ou comer sushi — que, aliás, nunca esteve tão caro e quente.

Em outros tempos, de afiadores de faca sibilando pelas ruas e menos salmão mal cortado, a Beverly Hills brasileira não tinha tanto *glamour*, mas sim uma Biblioteca Pública Municipal. É difícil de acreditar, mas ficava na Rua Dias Ferreira, epicentro da superficialidade ostentatória do Balneário. Numa cidade onde aglomerados de livros são cada vez mais raros, é de se agradecer que após a demolição a biblioteca não tenha se transformado em mais uma farmácia ou academia de ginástica. Hoje ainda existe uma simpática livraria no seu lugar, a Livraria Argumento, que sempre frequento.

Menos amistosos já foram seus seguranças de terno que, mais de uma vez, chegaram a me seguir pelos corredores e estantes, partindo do pressuposto de que somos, todos, surrupiadores de livros. Ou serei só eu, com essa minha cara de ladrão? (Cada vez que entro nesses lugares e sou encarado por mais um segurança de terno, esse personagem essencialmente brasileiro, sou tomado por paranoia instantânea: já estarei marcado?)

É significativo que tenham me perseguido justamente ali, onde passei a infância e adolescência pegando (e devolvendo, dois por semana) livros de todos os tipos, de Jules Verne a Stevenson, passando por Fonseca, Cony, Simenon, Melville, Allan Poe, Lima Barreto e Conan Doyle — só para citar alguns autores que li de graça, escolhidos pelas capas ou títulos, sem qualquer ordem especial, em horas de exploração livre pelas estantes empoeiradas do lugar.

Numa cidade em que o cidadão apavorado confunde estouro de escapamento de moto com tiro, resolvi encarar o fato por outro lado. Afinal, o lugar onde gente inofensiva como eu e os inúmeros leitores que se solidarizaram com o caso, quando o contei numa crônica no jornal, é perseguida e vigiada entre corredores de livros deve ser o espaço mais protegido do Balneário de San Sebastián. Só falta entender o motivo de proteger os livros de seus leitores.

“ Entre os 8 e 12 anos de idade, lia muita literatura policial nesta biblioteca, que anos depois quase foi epicentro de minha demissão por injusta causa e falsa acusação de furto.”

Há alguns anos, quando escrevi pela primeira vez sobre essa livraria nas páginas de um jornal, fiz uma blague sobre a possibilidade de ter roubado livros e enfrentado seus implacáveis seguranças. Talvez por falta de leitura, alguns detectores de ironia não funcionaram e o cronista ficou demissionário por uma semana. Fui obrigado a declarar que não era um ladrão, explicar a ironia e, ao mesmo tempo, liquidar a ironia do episódio. O aborrecimento foi aplacado quando passei a pensar que estava bem acompanhado: Voltaire, Sterne, Machado, Veríssimo e Nelson Rodrigues, para não citar tantos outros, também já foram levados na literal, e não na *literária*.

Entre os 8 e 12 anos de idade, lia muita literatura policial nesta biblioteca, que anos depois quase foi epicentro de minha demissão por injusta causa e falsa acusação de furto. Era um jovem completista, e, em certa fase, dediquei-me a ler todos os livros da Agatha Christie, que não eram

poucos. Isso acabou depois de um episódio curioso: peguei um romance que, na meta-de, trazia escrito a caneta numa das páginas o nome do assassino. Posso lembrar da caligrafia tremida e da frase no canto direito de uma página ímpar. Dizia apenas: “o assassino é ...”.

Fiquei tão revoltado com a interrupção do mistério pelo leitor folgado e anônimo que pedi a ficha do livro e, ao lado da bibliotecária, tentei descobrir de quem poderia ser a letra do autor do crime — cometido não apenas contra a obra, mas também contra seus futuros leitores. Apesar do meu empenho e de uma tarde consultando cadastros, a investigação não teve qualquer resultado e acabei largando não só este romance policial como a leitura do tipo de romance policial que te prende pela trama. Ao saber quem tinha sido o assassino, perdi totalmente a vontade de retomar o livro.

Descobri empiricamente e, há de se confessar, com certo desgosto, que um romance deve ter algo mais que a simples curiosidade sobre quem-fez-o-que para que valha a pena ser lido. E, pouco depois, descobri que os melhores eram aqueles que te infectavam com novos mistérios e perguntas, sem oferecer respostas. Esses livros eram à prova de anotações de pé-de-página. ■

 **João Paulo Cuenca** nasceu em 1978. Participou de diversas antologias no Brasil e no exterior, e é autor dos romances *Corpo presente* (2003) e *O dia Mastroianni* (2007) e *O único final feliz para uma história de amor é um acidente* (2010). Vive no Rio de Janeiro (RJ).





Ilustração:
Robson **Vilalba**

Pelas calçadas da literatura

As ruas de Curitiba perpetuam nomes de alguns autores paranaenses, entre eles os simbolistas do início do século XX e vários poetas

GUILHERME MAGALHÃES

Para os mais saudosistas e românticos, a fila de carros que se forma nos horários de pico na Rua Emiliano Pernet, no centro de Curitiba, pode remeter, em certa medida, ao séquito de seguidores daquele que foi coroado o “príncipe dos poetas paranaenses” perante uma multidão no Passeio Público, em 1911, em uma solenidade *kitsch* que marcou a trajetória cultural da cidade. Figura marcante na vida literária curitibana no início do século XX, Pernet, assim como outros escritores paranaenses, hoje faz parte da paisagem urbana de Curitiba. E entre seus pares, o poeta é um privilegiado. A rua que leva seu nome é uma das principais vias da capital e guarda uma peculiaridade: o escritório da revista *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan, nos 1940, tinha sede ali, no número 476, vizinha da fábrica de vidros do pai daquele que se tornaria, anos mais tarde, o Vampiro de Curitiba. Apenas uma coincidência, não fosse Dalton Trevisan um dos detratores da poesia simbolista de Pernet.

Emiliano Pernet nasceu Emiliano Antunes, e ganhou a alcunha que hoje estampa seu sobrenome em decorrência do jeito de andar de seu pai. O poeta, morto em 1921, editou importantes revistas do cenário cultural paranaense do começo do século passado. Os periódicos *Revista Azul*, *Victrix* e, principalmente, *O Cenáculo*, difundiram os ideais simbolistas no Estado.

Como Pernet, outros escritores paranaenses emprestam hoje seu nome a ruas de Curitiba. Tomando-se como guia o livro *1001 ruas de Curitiba*, lançado em 2011 pela arquiteta Camila Muzzillo, é possível encontrar 27 logradouros que recebem o nome de algum escritor do Paraná. A maioria em ruas de bairros distantes do centro. E

dos escritores que nomeiam algum pedaço de chão na capital, há outra curiosidade: vários são oriundos das cidades históricas do litoral do Estado, como José Gelbcke, José Francisco da Rocha Pombo e Adolfo Werneck, todos de Morretes, Leôncio Correia, de Paranguá, e José Cadilhe, de Antonina.

Rocha Pombo, um dos maiores historiadores do Paraná, hoje dá nome de uma rua calma no Juvevê, bairro de classe média, próximo ao Museu Oscar Niemeyer. Ardoroso abolicionista e republicano, Pombo foi jornalista e fundador do jornal *O povo*, em 1879, em Morretes. Um de seus principais livros é *No hospício*, romance com toques de literatura fantástica que teve várias edições. Mas é pelo seu trabalho como historiador que Rocha Pombo ainda é lembrado, sendo sua trajetória intelectual frequentemente objeto de análise em universidades.

Outra figura do século XIX que povoa o centro da cidade é Cândido Lopes, que hoje dá nome à rua em que está localizada a Biblioteca Pública do Paraná. Lopes fundou o jornal *Dezenove de Dezembro*, em 1854, e foi figura importante no estímulo à leitura em nosso Estado.

Em segundo plano

Para a pesquisadora e professora aposentada da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Cassiana Lacerda, escritores e intelectuais costumam ficar em segundo plano na hora de receber homenagens. Em geral, quando lembrados, vão parar na periferia, em vias sem comércio e de pouca importância. “Não há ruas importantes, vias estruturais da cidade, com nome de escritor. Privilegia-se o político, o parente do político ou pessoa que exerceu cargo público. A cultura fica em segundo plano”, diz.

O movimento literário simbolis-

ta, para muitos o ponto de nascimento da literatura curitibana, é o mais lembrado. Além de Emiliano Pernet, os poetas Dario Vellozo (rua do bairro Vila Izabel), Nestor Victor (Água Verde), Silveira Neto (Água Verde) e Emílio de Menezes (Bom Retiro) também nomeiam ruas da capital.

Emílio de Menezes, porém, já foi nome da praça localizada no bairro São Francisco, que abriga o Belvedere, que na época de Pernet e seus amigos simbolistas era o ponto mais alto da cidade. E aqui a opinião da professora Cassiana Lacerda parece ser corroborada, com a política se sobrepondo à cultura, já que atualmente a praça se chama João Cândido, político paranaense que foi deputado no início do século XX. Uma das principais pesquisadoras do simbolismo brasileiro, Cassiana lembra com desgosto o pouco caso que se fez quando Emílio de Menezes morreu, em 1918. “Quando Emílio morreu, eram vários os preconceitos por ele ser boêmio. O Paraná não tomou nenhuma atitude para homenageá-lo quando ele morreu. São Paulo foi a primeira cidade a ter uma rua chamada Emílio de Menezes. Se Oswald de Andrade fez um movimento pró-Emílio de Menezes, é porque valia a pena”, declara. Segundo a professora, apenas em 1927 o Paraná se engajou em um movimento para trazer o corpo do poeta curitibano do Rio de Janeiro, onde faleceu, e enterrá-lo no Cemitério Municipal de Curitiba.

Ainda que certo descaso com os grandes escritores locais persista, os poetas estão mais presentes na paisagem urbana da cidade que os prosadores. Júlia da Costa, poeta nascida em Paranguá, também incluída entre o rol de escritores catarinenses pelo fato de ter morado na ilha de São Francisco boa parte de sua vida, assim como Pernet, foi homenageada com uma via importante da cidade. A poeta, que fale-

ceu em 1911 depois de um período de depressão e confusão mental, hoje em presta seu nome à extensa rua que começa nas barbas do bairro São Francisco, no centro histórico de Curitiba, e chega até o Campina do Siqueira, percorrendo antes todo o Bigorrião, ambos vizinhos do Parque Barigui.

Júlia foi uma mulher à frente de seu tempo. Em uma época em que as mulheres só podiam ser leitoras ou personagens na literatura, a poetisa paranguara lançou mão da caneta para expressar no papel os sentimentos de uma vida reprimida, de um casamento por conveniência e infeliz, com o chefe do Partido Conservador local, e as desilusões amorosas que experimentou com outro jovem poeta.

Os esquecidos

Figuras de proa da literatura paranaense dos últimos 50 anos também ainda não tiveram a honra de virar logradouro, o que pode denotar o distanciamento do tempo como um critério para as homenagens. Jamil Snege, Paulo Leminski (que virou nome de pedreira e de escola, mas não rua) e Manoel Carlos Karam (que dá nome a uma casa de leitura) ainda não foram lembrados pelos políticos curitibanos, responsáveis por propor nomes a logradouros.

De acordo com Cassiana, não existe uma preocupação literária com espaço urbano. Ou seja, só dar nome de um escritor a uma rua, sem que haja algum tipo de contextualização, pouco adianta. “Isso causa uma perda na relação afetiva do cidadão com a cidade. Na correria do dia a dia, seria ótimo colocar um verso aqui, ou um hino ali”, sugere a professora. ■

As revistas *Victrix* e *O Cenáculo* fazem parte do acervo da Divisão de Documentação Paranaense da BPP e estão disponíveis para consulta local.

Prosa e rock

Roger Moreira escreveu algumas das letras mais inteligentes do rock brasileiro dos anos 1980, mas sua capacidade de articular as palavras não vem somente de seu QI elevado, mas também de algo bem mais prosaico: a literatura

FELIPE KRYMINICE

Quando a literatura transborda, vira música. É o que sugere a trajetória de leitor de Roger Moreira, vocalista da banda paulista Ultraje a Rigor. O cantor aprendeu a ler sozinho, quando tinha apenas três anos. O músico lembra que suas primeiras leituras foram uma coleção de contos de Hans Christian Andersen, fábulas de Ésope, Irmãos Grimm e Jean de La Fontaine. “Apenas ler já era agradável. Não procurava nada, com tão pouca idade. Mas lembro que gostava da fantasia.”

Os anos se passaram e as pequenas fábulas deram lugar a exemplares da literatura clássica e contemporânea, além da leitura fiel de periódicos. Algumas décadas, centenas de *shows* e dezenas de discos depois, os hábitos de leitura ainda são os mesmos: Roger dedica as duas primeiras horas do seu dia à leitura de *blogs* e sites noticiosos. Leitor assíduo de jornal,



Roger acha que a gênese de suas canções, cheias de crítica social bem-humorada, está diretamente relacionada com sua trajetória de leitor. “Sem dúvida essa característica se deve à minha formação na leitura. Leitor de tudo: livros, revistas, gibis, jornais, letras de músicas, poesia...”

Roger nasceu muito antes da revolução digital encabeçada pelos *nerds* do Vale do Silício — a turma de Gates e Jobs —, mas sua interação com a tecnologia é tão natural quanto a de qualquer jovem da geração Y. Tanto é que os livros “encadernados e com poucas gravuras” perderam espaço na preferência do cantor Roger para suportes que permitem a leitura de livros digitais, os ainda pouco populares *e-books*. Em tempos hightech, o músico só se rende ao velho formato do livro quando realmente não há outra opção. “Prefiro as versões digitais, a não ser quando elas não existem, como no caso de *Minha fama de mau*, do Erasmo Carlos.”

Mesmo com a sempre agitada agenda de *shows* e a participação do Ultraje a Rigor em um *talk show* na televisão, Roger ainda se mantém um leitor fiel, sempre encontrado tempo para ler. “É difícil achar tempo. Mas estou lendo aos poucos as biografias de Steve Jobs, Erasmo Carlos, Ozzy e Keith Richards. Também estou lendo um livro chamado *You're not so smart*, sobre o funcionamento do cérebro, e relendo [Aldous] Huxley.”

No democrático e eclético iPad do cantor, Jorge Amado divide espaço com livros de psicologia. As crônicas de Fernando Sabino e Luis Fernando Verissimo fazem companhia a obras de George Orwell, como 1984 e *A revolução dos bichos*. E ainda há lugar para biografias, livros de filosofia e clássicos como *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

Mas como conciliar as leituras tão distintas desta lista excêntrica? Roger tem uma explicação: é que chama de “homeopatia literária”. “Também acabei de ler um livro de Fred Stoller, ator e roteirista de



Seinfeld, chamado *My Seinfeld year*. Mas é tudo em gotas.”

Literatura e Música

Ao longo dos séculos, literatura e música sempre andaram juntas. Para ficar em nosso quintal, é só lembrar do clássico “Geni e o Zeppelin”, a música de Chico Buarque que é frequentemente comparada a “Bola de sebo”, o conto de Guy de Maupassant, e que já foi tema de diversas teses acadêmicas. Nas últimas décadas, o *rock* também flertou com a prosa, com vários grupos se dedicando a compor álbuns inteiros inspirados em livros. Um dos exemplos mais conhecidos dessa combinação é o disco *Animals*, da banda Pink Floyd, gravado em 1977 e que foi baseado em *A revolução dos bichos*, clássico do britânico George Orwell.

O Ultraje a Rigor de Roger Moreira nunca partiu de um livro para construir músicas ou álbuns, mas as letras bem sacadas, com construções verbais mais complexas e jogos de linguagens, como em “Inútil” (A gente não sabemos escolher presidente/ A gente não sabemos tomar conta da gente/A gente não sabemos nem escovar os dentes/ Tem gringo pensando que nós é indigente) carregam consigo um indissociável vestígio literário. Outros *hits* da banda fizeram mais do que colar na cabeça dos jovens dos anos 1980. Fizeram pensar, o que é um grande feito no universo do *rock*. Algumas letras escritas por Roger viraram tema de discussão e foram parar em comerciais da TV, como a egocêntrica “Eu me amo” e “Rebelde sem causa”. Meus dois pais me tratam muito bem/ (O que é que você tem que não fala com ninguém?)/Meus dois

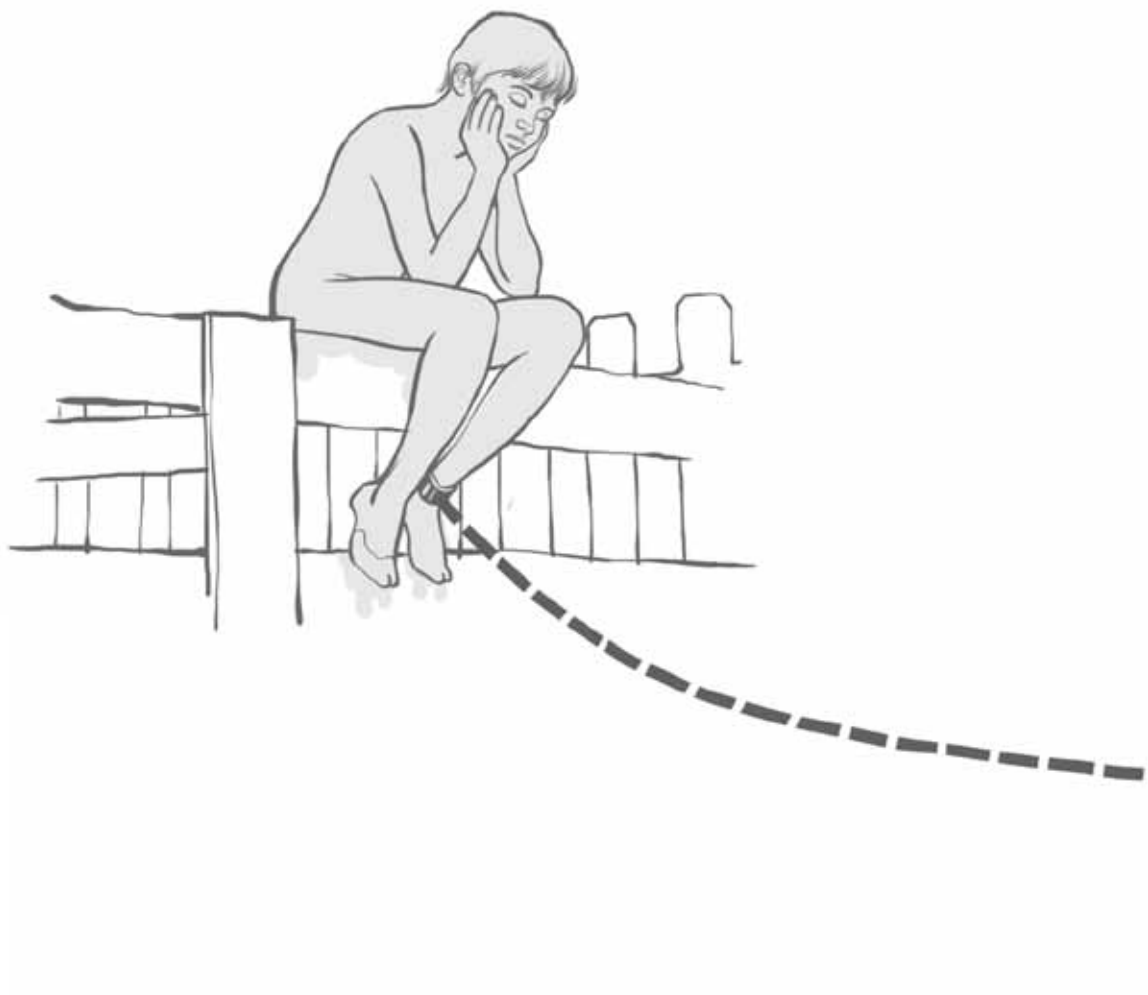
pais me dão muito carinho/ (Então por que você se sente sempre tão sozinho?)/ Meus dois pais me compreendem totalmente/(Como é que “cê” se sente, desabafa aqui com a gente!)/ Meus dois pais me dão apoio moral/(Não dá pra ser legal, só pode ficar mal!).

Roger acredita que há similaridades entre as criações literárias e musicais, de um modo geral. O compositor pensa que ambas as composições são variações da mesma coisa, ou, ao menos, deveriam ser. Por outro lado, não consegue destacar alguma obra ou autor que tenha semelhança com as letras do Ultraje. E, evocando a autenticidade inerente aos grandes artistas, Roger explica: “se há alguma semelhança com algum escritor, foi sem querer. Procuro ter meu próprio estilo. Se eu fosse escritor seria eu mesmo.” ■



O SONHO DOS VELOCIRAPTORS

Ilustrações:
Rafael **Cerveglieri**



No futuro, os meninos achados ou comprados na rua, que tenham entre seis e sete anos, cuidarão dos velociraptors. Os velociraptors foram revividos enquanto espécie por uma experiência genética que partiu do DNA de um fóssil encontrado no deserto de Gobi, em 1923.

O velociraptor é um dinossauro plumado e inteligente, cujo nome científico quer dizer “ladrão veloz”. Suas garras retráteis são usadas para furar a jugular ou a traqueia da vítima. Por isso, de acordo com a lei, não se poderá levar o animal a passeio sem a proteção adequada.

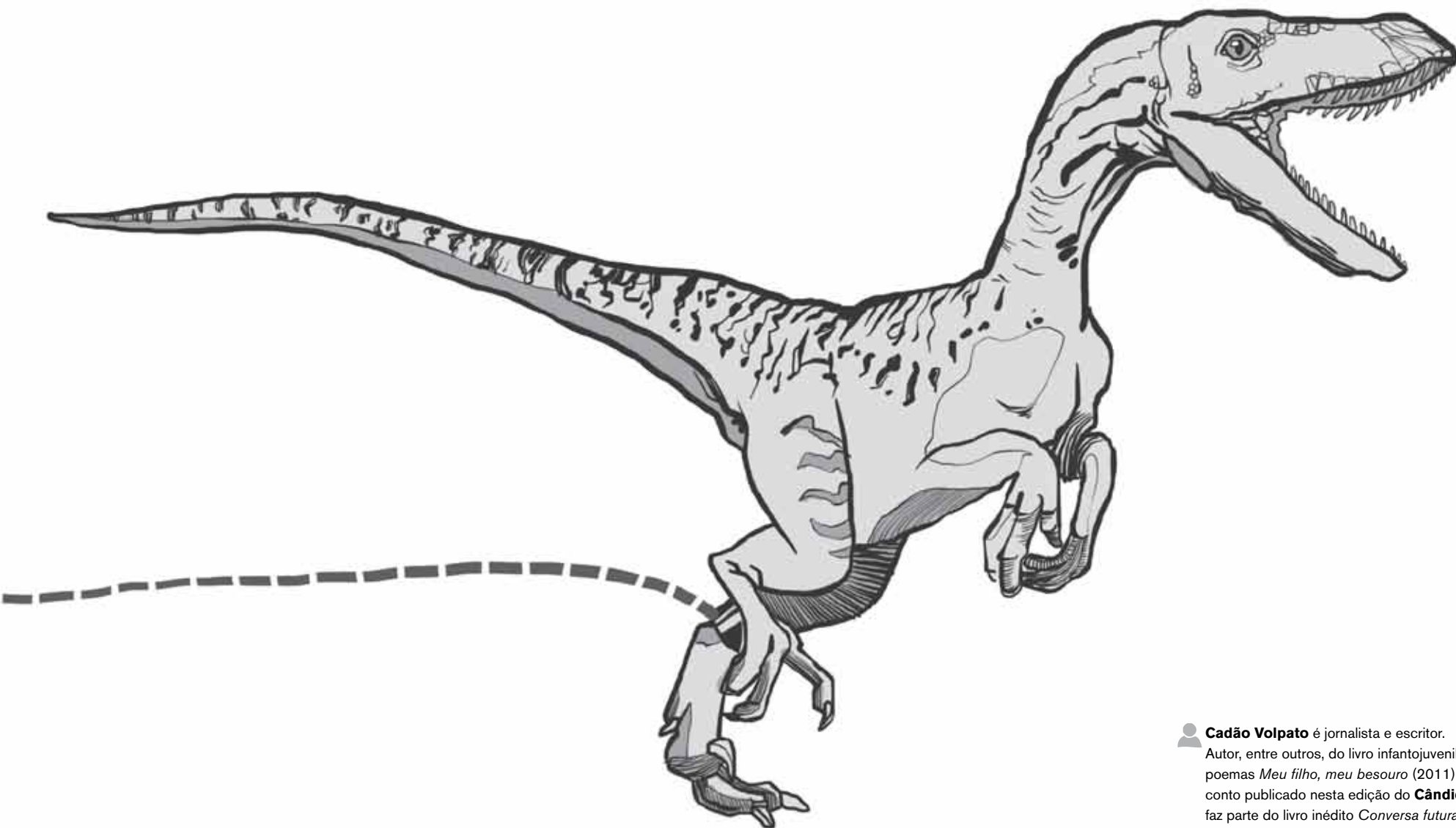
Um menino de seis ou sete anos que tenha mais ou menos a altura de um velociraptor (cerca de um metro e meio) será perfeito para se entocar ao seu lado desde o ovo, num lugar bem aquecido, e ensinar-lhe tudo o que é necessário. Só então o animal poderá acatar as ordens do dono.

Acontecerá às vezes de um velociraptor menos dócil cravar as mandíbulas poderosas no pequeno treinador. Isso po-

derá se transformar num incômodo, pois estarão perdidos para sempre o treinador e o animal, pervertido pelo gosto adocicado da carne humana. Deve-se, portanto, proceder com toda a atenção e manter o animal aquecido e bem alimentado.

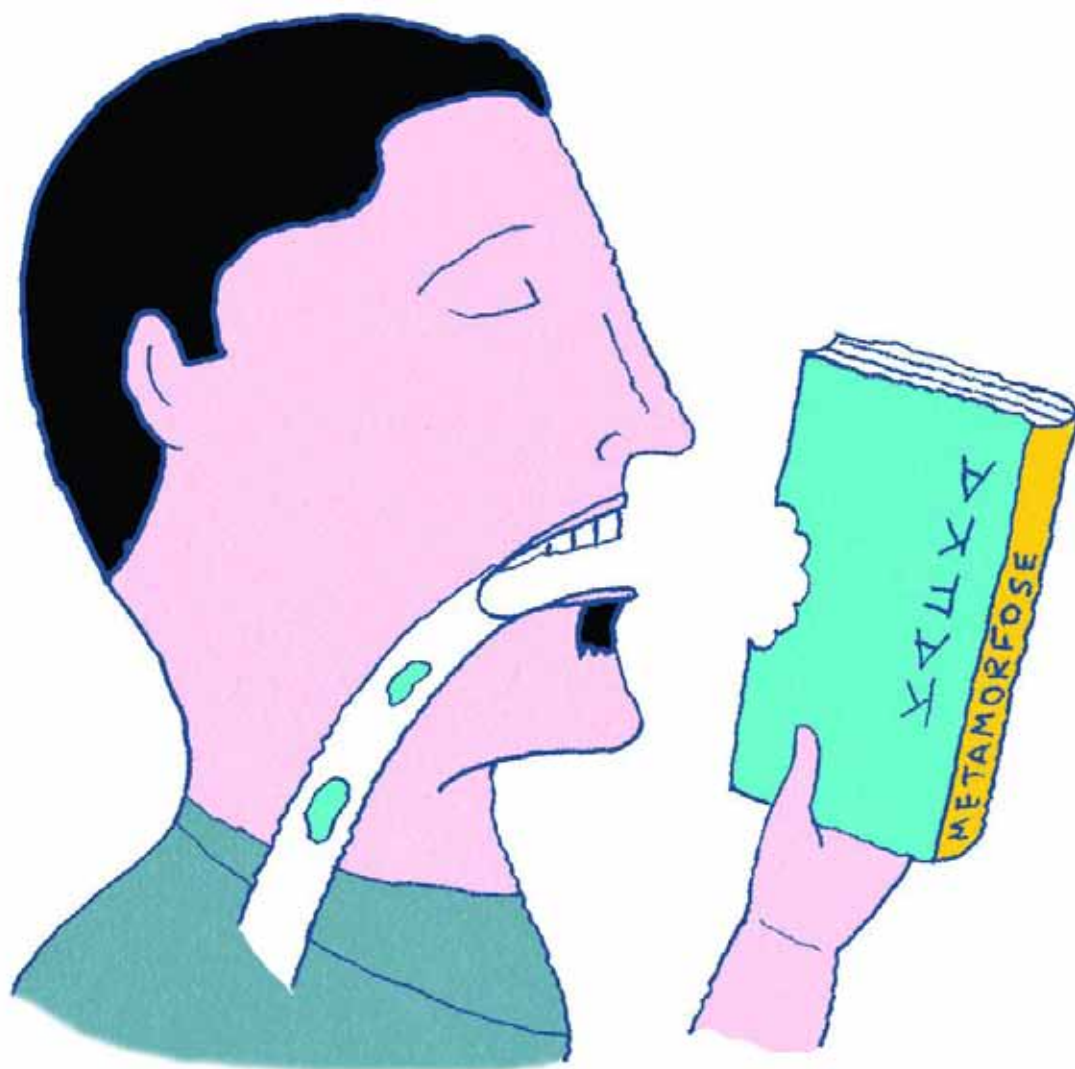
Contudo não se podem evitar certos ferimentos — os velociraptors são perigosos mesmo nas demonstrações de afeto. Convém proteger o menino com peças de couro, que têm a mesma função das braçadeiras em que pousavam os falcões. Devem-se preservar o pescoço, os membros e o abdômen da criança.

Os treinadores dos velociraptors serão como os pequenos limpadores de chaminé do século XIX, vendidos pelos pais, sempre cobertos de fuligem, trabalhando nus para poder entrar em qualquer buraco estreito, sem se lavar por seis meses, com joelhos, tornozelos e espinha deformados, aposentados aos sete anos sob a tutela do pároco local, grandes demais para voltar às chaminés. ■



Quem quer um autor?

Em um cenário com muitas alternativas de publicação, mas também de poucos leitores e muitos autores, consolidar carreira na literatura brasileira ainda é tarefa difícil



DANIEL ZANELLA

Há pelo menos duas décadas, o mercado editorial brasileiro deu um salto, os meios de produção do livro se alargaram, uma grande quantidade de editoras — grandes, médias e pequenas — surgiram, as feiras e cafés literários viraram febre e houve grande oferta de cursos e oficinas de criação com escritores consagrados. Uma série de fatores que jogam a favor daqueles que pretendem começar a escrever ficção. Mas, paradoxalmente, apesar deste cenário com muitas possibilidades de publicação e aprendizado, o aspirante a escritor ainda parece atrelado aos meios de publicação tradicionais, o que inclui o desejo de estar em grandes editoras e editar seu livro no formato tradicional, de papel. Diante desse aparente descompasso entre possibilidades e desejos, qual o melhor caminho para um escritor iniciante?

O curitibano Guilherme Custódio já participou de diversas oficinas literárias e acredita que, apesar das muitas formas de um autor iniciante divulgar seu trabalho, o formato tradicional, em livro, ainda é o mais eficaz. “Existem muitas maneiras de divulgar o trabalho, seja na internet ou por meio da publicação em jornais e revistas literárias, mas é inevitável ter a ambição de publicar um livro.” Assim como Custódio, Jean Snege trilhou um caminho que tem atraído cada vez mais jovens escritores: as oficinas de texto. Filho de Jamil Snege, um dos grandes autores paranaenses, Jean crê que o contato do jovem escritor com o ambiente de produção e publicação é muito importante. “Comecei a publicar por meio de concursos e oficinas e não me arrependo. Só que precisamos entender que o nosso pretensioso textinho acaba virando calço de mesa, rascunho, marcador de página. Ninguém tem tempo pra você e esse é seu primeiro contato com a frustração literária: lidar com a rejeição. Porque, inicialmente, poucos terão interesse no que

você escreve”, diz o jovem escritor, que participou da Oficina BPP de Criação Literária ministrada por Miguel Sanches Neto, em 2012, e teve um de seus contos publicados na primeira edição do **Cândido**.

Para Carlos Eduardo de Magalhães, editor da Grua Livros, o aval das editoras ainda é de extrema importância para qualquer escritor, não só os jovens ou iniciantes. Em 2011, sua editora recebeu 194 originais em um período previamente estipulado que o editor chamou de “temporada de originais”. Os livros foram avaliados por uma comissão formada pelos escritores João Anzanello Carrascoza e Rodrigo Lacerda, além do próprio Carlos, que selecionou quatro autores que serão publicados em 2012. “É importante procurar uma editora, grande ou pequena, que tenha uma linha editorial séria e que efetivamente edite o livro, em vez de apenas publicá-lo. O editor é fundamental para o escritor. Aliás, é a figura mais importante na cadeia inteira. Não recomendo a autopublicação por esse motivo e porque dificilmente o livro, por melhor que seja, chegará aos jornais e às livrarias”, diz Carlos.

A inscrição de inéditos em concursos, aliás, também é apontado como um bom caminho aos principiantes. André de Leones, escritor goiano nascido em 1980, autor do romance *Dentes negros* (2011), ressalta a importância de ganhar um prêmio de projeção nacional. “Em 2005, venci o Prêmio SESC de Li-

teratura com o meu romance de estreia, *Hoje está um dia morto*. O livro foi publicado pela Record e muito bem divulgado (está na segunda edição). Com isso, driblei os principais obstáculos que geralmente se apresentam a um escritor iniciante. Se eu tenho um conselho, é este: participar de bons concursos. Eles dão visibilidade e permitem ao vencedor adentrar o mercado editorial.”

O curitibano Felipe Munhoz, também teve incentivo de leis públicas. Ele acaba de terminar seu primeiro romance, *Mentiras*, realizado por meio da Bolsa Funnarte de Criação Literária, que contempla autores brasileiros que desejam se dedicar ao desenvolvimento de textos inéditos nos gêneros lírico (poesia) ou narrativo (romance, conto, crônica e novela). Cada contemplado recebe R\$ 30 mil para desenvolvimento de sua obra. “É uma narrativa inspirada na obra de Philip Roth. Portanto, ao passo em que desenvolvia o texto, fui lendo todos os seus livros e as referências importantes para o autor, como Franz Kafka e Saul Bellow. Escrevo e reescrevo ficção todos os dias, praticamente o dia inteiro, e com bastante disciplina, o que resulta em natural evolução”, diz Munhoz, que teve seus primeiros textos lidos e comentados por Humberto Werneck.

Outro expediente para romper o anonimato é a famosa “indicação” de um escritor já estabelecido no mercado. Ou seja, o jovem escritor envia seus originais a um autor, que os lê e os indica para publicação. “Já recebemos indicações de es-

critores, sim, mas os livros acabaram não sendo publicados, ou por estarmos com a programação fechada, ou porque os livros não nos pareceram adequados para a publicação”, explica o editor da Grua.

Mas, claro, o caminho tradicional, de simplesmente enviar o livro pelo correio, também pode vingar. “Nunca fui indicado por ninguém. Simplesmente botei no correio meu inédito e encaminhei a três ou quatro editoras. A Brasiliense respondeu e assim surgiu meu primeiro livro”, diz Reinaldo Moraes sobre *Tanto faz*, seu romance de estreia.

Dilemas

A dificuldade de se dedicar integralmente à literatura também é apontada pelos jovens escritores como empecilho à profissionalização. “A necessidade de ter que desenvolver outras tarefas atrapalha muito. Apesar de o trabalho trazer muitas ideias para os meus textos, é necessário aliar isso a uma disciplina para se capacitar, atualizar, ler e escrever. Em resumo: é preciso trabalhar em dobro. Um turno no trabalho habitual e outro na literatura”, afirma o jovem Gylherme Custódio, que já publicou alguns de seus trabalhos em periódicos.

Para Miguel Sanches Neto, tais dificuldades fazem parte do processo de amadurecimento do futuro escritor. “A primeira coisa é ter um emprego que pague as contas. Daí você pode esperar o tempo que for necessário para que seu trabalho, caso tenha valor, seja reconhecido.

“Ninguém tem tempo pra você e esse é seu primeiro contato com a frustração literária: lidar com a rejeição”, Jean Snege, jovem autor que participou de oficina de Criação Literária na BPP.

É preciso criar brechas na vida para escrever, ter horários e renunciar hábitos para criar outros”, diz o autor do livro de contos *Então você quer ser escritor?*, cujo conto-título fala sobre um escritor que ministra oficinas de criação literária.

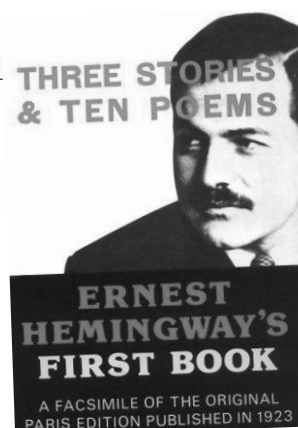
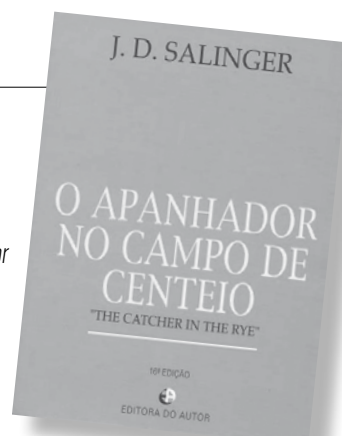
Além de oficinas, palestras, cursos e bolsas de criação literária, muitos escritores que se tornaram profissionais tiveram nos jornais, especializados ou não, a primeira chance para divulgar seus trabalhos. Antes de publicar seu primeiro livro, *Inscrições a giz*, que ganhou o prêmio Nacional de Poesia Luís Delfino, de 1989, Miguel Sanches Neto publicou poemas, contos e textos críticos em jornais como *O Estado do Paraná*, *Gazeta do Povo* e *Nicolau*, de Curitiba, e *A Notícia*, de Joinville.

Atualmente, muitos jornais, como o *Rascunho* e o próprio **Cândido**, e revistas como *Coyote* (Londrina), o *Suplemento Literário de Minas Gerais* e o de *Pernambuco*, proporcionam ao jovem escritor a publicação de inéditos. Outros ve-

O PRIMEIRO LIVRO DE...

... J. D. Salinger

O escritor americano é cultuado até hoje por seu primeiro romance, *O apanhador no campo de centeio*, publicado em 1951. Salinger já era considerado um escritor promissor, com inúmeros contos publicados na tradicional revista *The New Yorker*, mas foi este primeiro romance o responsável por alavancar o nome do escritor, além de ter influenciado várias gerações de autores.



... Ernest Hemingway

Hemingway, autor norte-americano pertencente à chamada “geração perdida”, chegou a Paris em 1921, jornalista de 22 anos ainda não publicado, com uma noiva e um imperativo claro: “Tudo o que você precisa fazer é escrever uma verdadeira sentença”. Dois anos depois, publica o livro de contos *Three Stories and Ten Poems*, numa edição de 300 exemplares que só saiu com a ajuda de seu amigo e colega expatriado, o escritor e editor Robert McAlmon.

CAPA | QUERO SER ESCRITOR

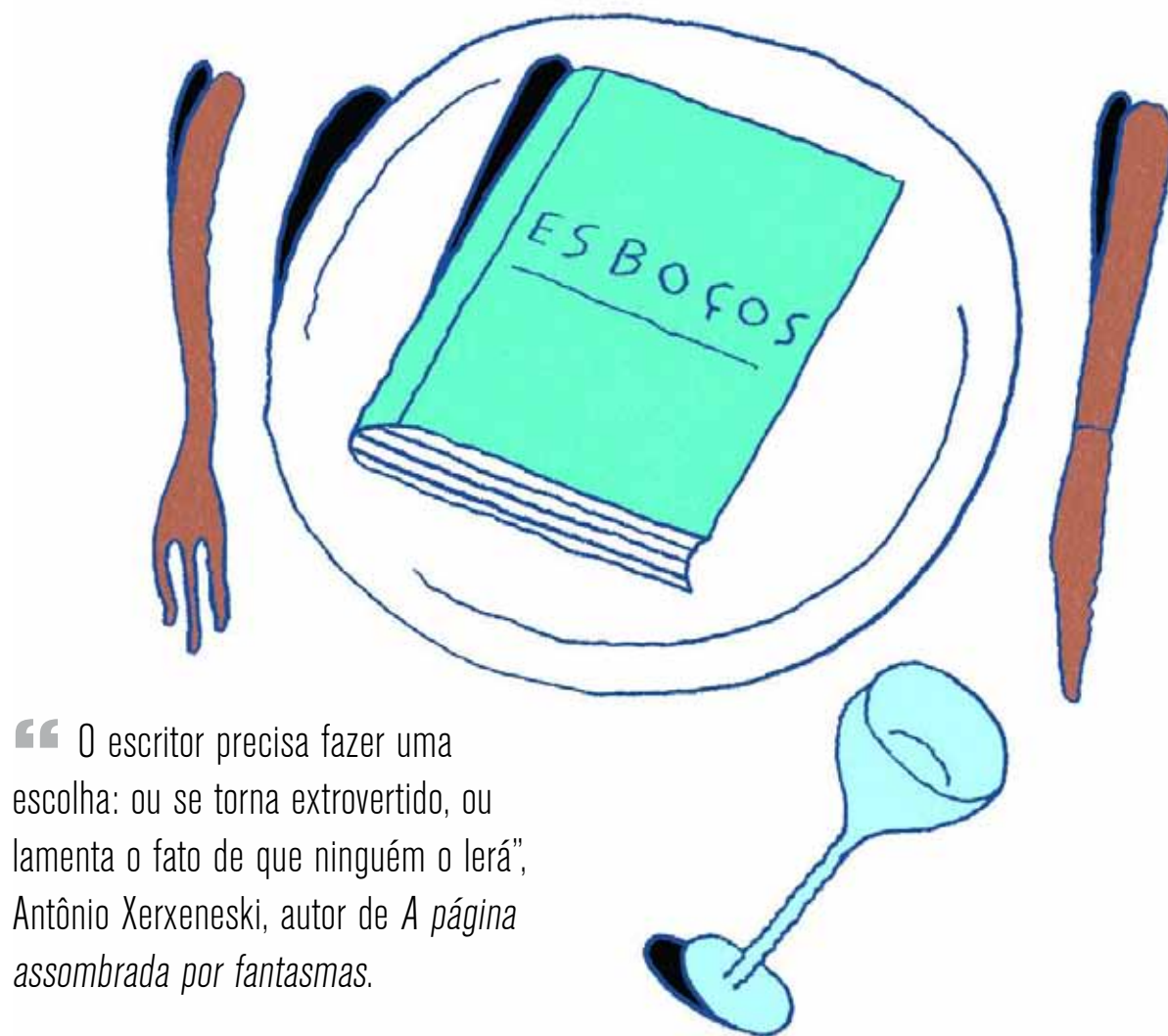
ículos, como os cadernos *Ilustríssima*, da *Folha de S.Paulo*, e *Sabático*, de *O Estado de S.Paulo*, também reservam espaço para inéditos. Porém, na grande imprensa, ainda se vê poucos trabalhos de iniciantes.

Na internet, diversos coletivos, *blogs* e *sites* literários despontam como plataforma de divulgação (barata e acessível) de novos escritores e ambiente de discussão da produção atual, tais como o Digestivo Cultural (www.digestivocultural.com), o Recanto das Letras (www.recantodasletras.com.br), a Confraria do Vento (confrariadovento.com) e o Portal Cronópios (www.cronopios.com.br).

Conselhos

“Primeiramente, publicar livros não faz de ninguém um escritor”, sentenciou Miguel Sanches Neto. “Só existe escritor quando um conjunto de leitores dá ao sujeito este *status*, ou seja, quando a sua literatura exerce alguma modificação em um contingente de leitores.” Para o escritor paranaense, também é preciso considerar o julgamento da posteridade. “Hoje podemos dizer que Lima Barreto é escritor, mas não podemos ter certeza sobre nenhum escritor vivo, pois apenas o consenso de épocas futuras garantirá esta identidade”, completa.

Para o editor da Grua Livros, Carlos Eduardo de Magalhães, há várias alternativas para se estabelecer e criar contato com o mercado editorial. Ou seja, é possível mostrar, por meio de outros



“ O escritor precisa fazer uma escolha: ou se torna extrovertido, ou lamenta o fato de que ninguém o lerá”, Antônio Xerxeneski, autor de *A página assombrada por fantasmas*.

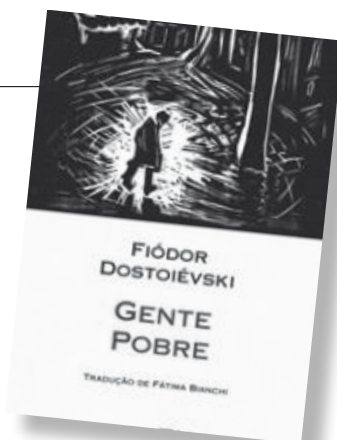
meios, que conhece literatura e que pode escrever ficção. “Formar um currículo é interessante. Currículo não garante a publicação de forma alguma, mas aumenta sua chance de ser avaliado. Tem gente que começa com tradução, outros com contos

em coletâneas, outros têm ótima formação acadêmica, outros têm artigos em jornais importantes, outros uma história de vida. O avaliador tem de se sentir atraído para apanhar o livro e gastar horas nele, ainda que seja para decidir não publicá-lo.”

Foi o que fez Antônio Xerxeneski. Aos 27 anos, o escritor gaúcho já publicou artigos nos principais jornais, revistas e *sites* do país. Hoje também é editor da Não Editora e da revista *online Cadernos de Não-Ficção*. Autor do ro-

... Fiódor Dostoiévski

O principal crítico literário russo do século XIX, Vissarion Bielínski, disse ter visto em *Gente pobre*, primeiro romance de Dostoiévski, “mistérios e caracteres da Rússia com os quais ninguém até então havia sequer sonhado”. Publicado em 1846, tinha como intenção melhorar a situação financeira do escritor. O livro foi um sucesso comercial, além de ter sido bem recepcionado pela crítica.

RADUAN NASSAR
LAVOURA
ARCAICA

... Raduan Nassar

Muitas vezes comparado a nomes da literatura brasileira do vulto de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, Raduan Nassar publicou seu primeiro livro, *Lavoura arcaica*, em 1975. À revelia do autor, seu irmão, Raja, tira duas cópias do romance e decide passá-las para amigos. Uma das cópias chega às mãos de Dante Moreira Leite, um ex-professor, que encaminha os originais à José Olympio Editora, que publica *Lavoura arcaica*, com a ajuda financeira de Nassar. Marcado por uma linguagem elegante, é uma obra de narrativa densa, com estrutura não linear e um narrador singular. *Lavoura arcaica* rendeu o Jabuti em 1976, e uma adaptação cinematográfica em 2001.

Javã Tarsis



Guilherme Custódio.

mance *Areia nos dentes* (2010) e do livro de contos *A página assombrada por fantasmas* (2011), Xerxeneski acredita que, antes de cobiçar carreira na literatura, o escritor deve ser um exímio leitor. “Ler, ler em quantidade absurda, ler mais do que professores de literatura e críticos, conhecer o clássico e o contemporâneo, o internacional e o nacional, a prosa dos autores que estão ao seu redor, que vivem na mesma cidade, para assim saber em que cena literária será inserido. Sem uma forte bagagem de leitura, dificilmente alguém se torna um bom escritor”, afirma.

Outra espécie de desafio apontado por escritores e críticos se refere à exposição midiática exigida de um escritor contemporâneo. O cenário literário impõem ao escritor participação ativa em redes so-

Acervo Pessoal



Felipe Munhoz.

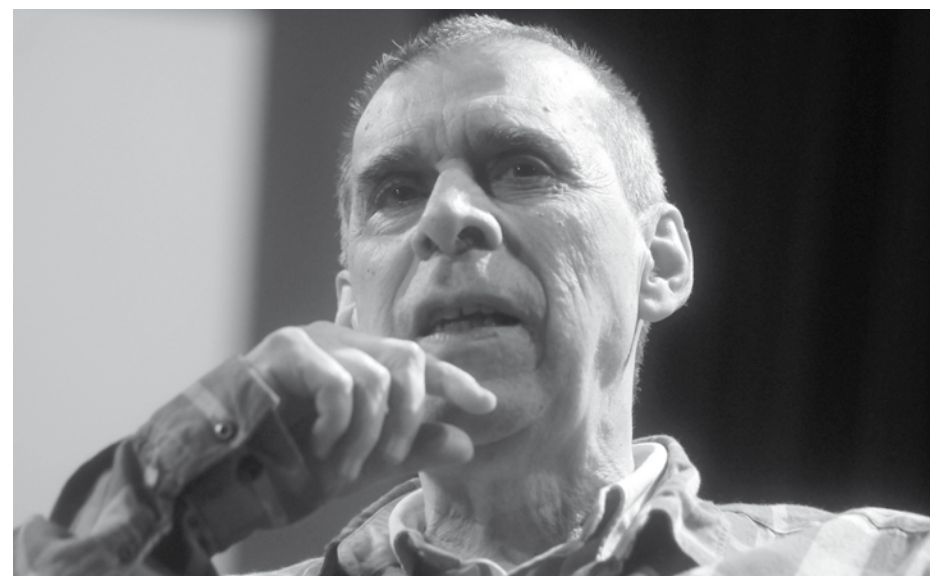
ciais, feiras e debates literários. “É preciso encontrar o seu público leitor, cavar um espaço na mídia. Não que seja o mais importante — o que importa é o texto. Ainda assim, um livro sem leitores é um livro morto. Por isso, acho necessário que o autor busque uma editora que o respeite, que lance o seu livro com um projeto gráfico cuidadoso e que batalhe pela divulgação da obra. Há muitas editoras independentes corajosas por aí”, afirma o escritor gaúcho. Em artigo publicado no *blog* do Instituto Moreira Salles, Xerxeneski também debate sobre aquilo que chama de “a impossibilidade de [Thomas] Pynchon”, ou seja, a não possibilidade de, no “Brasil do século XXI”, o escritor se manter recluso. “O escritor precisa fazer uma escolha: ou se torna extrovertido, ou lamenta o fato de que ninguém o lerá.” ■

DEPOIMENTOS

“Publiquei o meu primeiro livro, de contos, *O Sobrevivente*, em 1969, por conta própria, ou melhor, com dinheiro emprestado de meu pai, que depois não aceitou o meu pagamento. Foram mil exemplares, sendo que 500 foram distribuídos gratuitamente pelo correio para escritores, críticos e jornalistas. É isso aí.

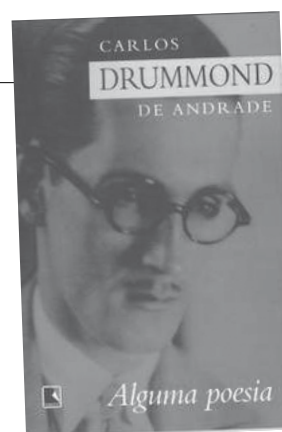


Sérgio Sant'Anna, é autor de *A Senhorita Simpson* (1989) e *O voo da madrugada* (2003), vencedor do Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira. Em 2011 lançou *O livro de Praga*.



... José Lins do Rego

O escritor paraibano nasceu em meio à uma família abastada. Os engenhos da infância tornaram-se cenário para sua primeira obra, *Menino de engenho*, publicada em 1932, custeada pelo próprio autor. O livro foi aclamado pela crítica brasileira, por retratar a decadência do Nordeste canavieiro e demarcar novos caminhos para o moderno romance brasileiro.



... Carlos Drummond de Andrade

Duas expressões clássicas da poesia de Drummond já se faziam presentes em seu primeiro livro, *Alguns poemas*, de 1930. “O poema de sete faces” e “No meio do caminho” ficariam não só eternizados na história da poesia brasileira, mas também adiantam temas que norteariam a poética do escritor de Itaboraí, especialmente o pessimismo ante a passagem do tempo. A primeira edição deste Drummond teve 500 exemplares e foi paga pelo próprio autor, sob o selo imaginário Edições Pindorama.

CAPA | QUERO SER ESCRITOR

DEPOIMENTOS

“ A edição do meu primeiro livro de contos, *Areia tornando em pedra*, foi facilitada pelo fato de eu pertencer ao corpo de redação do “Suplemento Literário do Minas Gerais”, da Imprensa Oficial, em 1970. No ano anterior, eu havia sido um dos vencedores do Concurso de Contos do Paraná (categoria Estudante), e isso foi decisivo para que o Murilo Rubião me convocasse para o SLMG. A Imprensa, naquela época, tinha editora própria, e, utilizando seus limitados meios gráficos, produzia livros esteticamente feios. Havia uma comissão que apreciava o mérito de publicação dos candidatos a editar. Juntei 15 dos então 16 contos que até então havia escrito — o que denuncia a falta de autocritica dos meus 25 anos —, e fui aprovado. Nossa turma, encabeçada por Humberto Werneck, criou então uma fictícia “Edições Oficina” para disfarçar a precária estética oficial, e convidamos ilustradores amigos para fazer capas, sendo que a programação gráfica ficava por conta de Eduardo de Paula, um dos nossos melhores programadores visuais. Eram edições de mil exemplares, com o autor pagando a parte material a preço camarada e tendo direito a 400 livros e a incumbência de distribuí-los, o que, obviamente, foi um amadorístico fracasso, o que para nós, estreantes, era o de menos. Sob essa marca de fantasia foram publicados ainda os primeiros livros de Adão Ventura e de Carlos Roberto Pellegrino, meus colegas de redação, além de um volume de poemas de Silviano Santiago, e, no ano seguinte, a antologia *Contos Gerais*, que reunia 22 contistas mineiros e foi a publicação que marcou o registro da chamada Geração Suplemento.



“ Publiquei meu primeiro livro, *Memória dos barcos*, em coedição com a 7Letras. Naquele ano de 2001, os caminhos para se chegar a uma editora, mesmo de porte pequeno ou médio, eram bem mais árduos. A internet ainda engatinhava no Brasil, os blogs não haviam explodido e sequer podíamos pensar na existência de redes sociais, o que dificultava o acesso dos autores iniciantes às editoras, e vice-versa. Partir para uma coedição, então, me pareceu a saída possível. Felizmente, o ressurgimento de uma “vida literária” no país, sobretudo a partir da metade da década, facilitou um pouco as coisas para quem começa hoje.



Jaime Prado Gouvêa é autor de *Fichas de vitrola* (1986), vencedor do Prêmio Nacional Guimarães Rosa da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, e de *O altar das montanhas de Minas* (1981), seu único romance.



Marcelo Moutinho é escritor e jornalista, autor de *A palavra ausente* (2011) e *Somos todos iguais nesta noite* (2006).



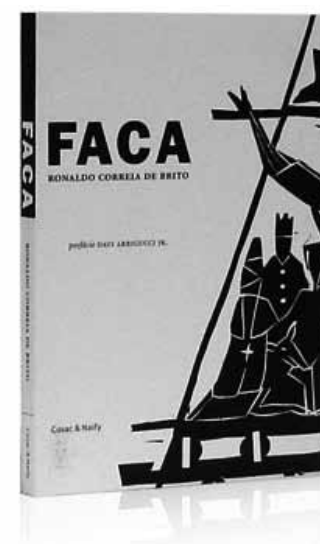


Marcelo Backes é escritor, tradutor, professor e crítico literário. Autor, entre outros, do romance *Três traidores e uns outros*.



“Eu poderia ter publicado minha primeira novela com vinte e poucos anos, quando trabalhava em uma prestigiada editora que editou vários escritores gaúchos que depois se tornariam conhecidos. Felizmente, esperei. Traduzi alguns livros, fiz contatos com diversas editoras, e foi assim que *A arte do combate* saiu pela Boitempo, que aceitou o livro antes mesmo de vê-lo pronto. O primeiro livro de ficção, *Estilhaços*, sairia pela Record. Meu amigo Flávio Tavares o conhecia e disse que eu precisava de uma editora maior, de mais estofa, e me apresentou à Luciana Villas Boas, que logo aceitou este e os livros que vieram depois (*maisquememória* e *Três traidores*). Em pouco, vem aí *Morte súbita*.

“Comecei a escrever cedo e a publicar bem tarde. O primeiro livro de contos saiu em 1997, por uma editora de Pernambuco, a Bagaço. Davi Arrigucci leu essa coletânea com o título *As noites e os dias* e indicou-a à CosacNaify. Dessa maneira surgiu *Faca*, lido e editado por Augusto Massi e Rodrigo Lacerda, com posfácio do próprio Davi. A partir dessa estreia em São Paulo, abri as gavetas e comecei a publicar os meus guardados, depois de reescrevê-los. O lançamento do primeiro romance, *Galileia*, pela Alfaguara, deu um impulso à minha trajetória de escritor. Marcelo Ferroni ocupou o lugar do Rodrigo, me cobrando um novo romance. Editor é isso mesmo, um bem necessário.



Ronaldo Correia de Brito nasceu na cidade de Saboeiro, no sertão dos Inhamuns, no Ceará. É autor, entre outros, do romance *Galileia* (Alfaguara), vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2009.

Formadores de Escritores



Luiz Antonio de Assis Brasil

LUIZ REBINSKI JUNIOR

O gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil é tão conhecido por seus romances quanto pela sua famosa Oficina de Criação Literária que, desde 1985, funciona, de modo ininterrupto, no âmbito do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da PUCRS. Por sua Oficina já passaram 450 alunos, entre eles escritores hoje estabelecidos no cenário literário nacional, como Michel Laub, Amílcar Bettge, Cíntia Mosovich e Daniel Galera. Autor de romances importantes, como *Cães da província* (1988) e *Videiras de cristal* (1990), Assis Brasil é também um teórico da escrita. Na entrevista abaixo, o autor comenta o sucesso de seu curso e os principais equívocos que autores iniciantes costumam cometer.

Depois de muita discussão, as oficinas literárias se espalharam e se firmaram no país. Que tipo de benefício esses encon-

tros podem trazer a quem pretende escrever ficção?

A oficina é uma etapa a mais que o escritor pode acrescentar à sua formação. A oficina não é o começo nem o fim de nada. É um espaço em que o maior benefício é a oportunidade de discutir os textos com colegas de ofício, sob a supervisão e conselho de um escritor sênior. Não se esperam maravilhas, nem milagres, mas apenas o amadurecimento necessário a quem deseja dedicar-se profissionalmente à escrita literária.

Quais são os principais equívocos que as pessoas que participam de oficinas cometem em relação ao texto propriamente dito?

Achar-se um gênio. Achar-se um idiota. Outro equívoco é sacralizar seus textos, impedindo a intervenção alheia. No plano puramente textual, o grande erro é o excesso, isto é, dizer com abundância aquilo que pode ser dito com essencialidade.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra os cursos de escrita criativa estão na grade curricular das universidades. Por que acha que ainda não temos essa prática disseminada em nossas faculdades?

Creio que é, em parte, o natural medo do novo: “por que mexer nessas coisas, se está tudo tão bem, há tantas décadas?” Os cursos de escrita criativa ainda não se propagaram, em parte, pela falta de docentes — lembre-se que os docentes devem ser escritores e doutores. Isso afunila muito o número de professores disponíveis. Com o tempo isso será superado, como superado está nos países citados e em outros. Agora temos o novíssimo mestrado e doutorado em Escrita Criativa na PUC-RS, instituído a partir de março de 2012. A procura foi espantosa, mostrando o quanto havia uma — como se diz — demanda reprimida. Já começa bem e exitoso.

Vários escritores que hoje estão estabelecidos no cenário nacional participaram de sua oficina. Qual foi a contribuição de seu curso para a carreira desses autores?

Creio que a contribuição maior foi reuni-los com seus iguais, colocando-os em situação de diálogo e apoio mútuo. Para quem é despido de preconceitos, escutar os outros é o primeiro passo para a boa aprendizagem. Orgulho-me dos meus ex-alunos, naturalmente, e vê-los brilhar me deixa muito feliz. Gosto quando eles me põem como referência em suas trajetórias, mas o fato é que não temos como avaliar empiricamente o meu papel — sei, apenas, que não pode ser superestimado. Sou, no caso, apenas um professor.

Paradoxalmente, apesar das muitas alternativas que o escritor iniciante tem para publicar, como *blogs* e editoras in-

dependentes, a maioria deles quer mesmo se associar a uma grande editora e publicar no formato tradicional. O crivo das editoras ainda funciona como uma espécie de filtro?

Sim, ainda funciona. Há toda uma mitologia em torno do editor, o que vejo como muito natural. O livro em papel, entretanto, está em processo de superação e transformação, e para que ele circule, a presença do editor ainda é imprescindível. Talvez ainda o seja quando os meios digitais tornarem-se dominantes. O editor, afinal, é uma poderosa instância legitimadora. Publicar num *blog* dá certo nível de conforto, mas a bênção editorial significa, nas entrelinhas: meu livro deve ser bom, porque a editora x quis publicá-lo, e pretende ganhar dinheiro com isso.

A influência de um escritor querido é um dos obstáculos a ser superado por um autor iniciante. Quais são os caminhos para encontrar uma voz própria?

Realizei pesquisa acadêmica, financiada pelo CNPq, acerca dessa influência. Um dos quesitos perguntava aos ex-alunos o quanto ainda necessitavam da palavra do ministrante. A resposta foi que 48,54% precisavam desse apoio, o que é, na prática, quase a metade. A partir desse resultado alarmante, estabeleci estratégias para que eu me fosse “despedindo” dos alunos a partir do terço final do curso; preciso dar-lhes autonomia intelectual e autoral, caso contrário a oficina irá de encontro à própria essência da literatura, que é a liberdade. Parece estar funcionando. É o que mais desejo. Os caminhos para encontrar uma voz própria? Se são escritores de fato, essa voz própria acontecerá, mais cedo ou mais tarde. E isso pela singela razão de que é natural à escrita o caminho da originalidade.

Raimundo Carrero

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Além dos premiados romances que escreveu, como *Minha alma é irmã de Deus* (2009), vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura, Raimundo Carrero já escreveu três livros que tentam desvendar os mistérios da ficção: *Sinfonia para vagabundos* (1992), *Os segredos da ficção* (2005) e *A preparação do escritor* (2009). São livros que, de alguma forma, resultam dos longos anos de Carrero à frente de uma das mais antigas oficinas de criação literária do país, que, entre seus alunos, teve nomes como Marcelino Freire. Mais de mil alunos já passaram pela sua sala de aula desde 1989. Sobre esses alunos e a experiência de “ensinar” literatura Carrero fala a seguir.

Depois de muita discussão, as oficinas literárias se espalharam e se firmaram no país. Que tipo de benefício esses encontros podem trazer a quem pretende escrever ficção?

O problema é que o Brasil ainda é um país romântico. E toda a literatura nasce dessa inspiração romântica, espontânea. Em consequência, o escritor deve ser um aventureiro do sonho. Com o tempo isso foi passando e as pessoas foram verificando que a escrita é um exercício da intuição com técnica. *Dom Casmurro*, por exemplo, é um livro de um grande estrategista. É preciso estudo, muito estudo. Os escritores mais jovens do Brasil foram entendendo isso e frequentando oficinas. Estudando e estudando.

Quais são os principais equívocos que aos participantes de oficinas cometem em re-



lação ao texto propriamente dito?

Aqui começa o inverso do romantismo. O escritor acredita que fazer uma oficina é suficiente. Nem pensar em intuição nem em técnica. Não é assim. Primeiro vem a ideia e depois, claro, a materialização. Escreve-se tudo aquilo que é imaginado e, em seguida, encontra-se a técnica — narradores, diálogos, cenas, cenários. Imagina-se a mágica, e só depois vem a mágica.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra os

cursos de escrita criativa estão na grade curricular das universidades. Por que acha que ainda não temos essa prática disseminada em nossas faculdades?

Nos Estados Unidos e na Europa, grandes escritores escreveram sobre suas dúvidas, inquietações e realizações literárias, e as universidades realizaram grandes encontros para discuti-los. Com o tempo, os encontros foram transformados em cursos e os cursos ganharam fundamentação teórica, pedagógica. A partir daí, a criação li-

terária foi vista como profissão e os escritores tornam-se profissionais com diploma e tudo. Para o pragmatismo europeu e norte-americano era o suficiente.

Vários escritores que hoje estão estabelecidos no cenário nacional participaram de sua oficina. Qual foi a contribuição de seu curso para a carreira desses autores?

Em primeiro lugar, eles são escritores porque sempre estudaram. Uma oficina não é uma escola de mágicos. Não transforma iletrados em escritores. É possível que tenham apenas disciplinado a criação. E isso é bastante.

Paradoxalmente, apesar das muitas alternativas que o escritor iniciante tem para publicar, como blogs e editoras independentes, a maioria deles quer mesmo é se associar a uma grande editora e publicar no formato tradicional. O crivo das editoras ainda funciona como uma espécie de filtro?

A editora consagrada é uma espécie de afirmação intelectual. Todos precisam disso, mesmo os conhecidos e famosos. É uma espécie de selo de qualidade. Inevitável. Além disso, o escritor acredita que assim o livro chega logo ao leitor.

A influência de um escritor querido é um dos obstáculos a ser superado por um autor iniciante. Quais são os caminhos para encontrar uma voz própria?

Outro selo de qualidade. A apresentação defende o iniciante das críticas e garante um certo respeito imediato, dá ao autor uma certa garantia para enfrentar o leitor, sem dúvida.

Entre livros e melodias

Com apresentações semanais, projeto “Música na Biblioteca” traz à BPP diversidade de ritmos da produção curitibana

DANIEL ZANELLA

Desde o começo de abril, o característico silêncio das salas de leitura da Biblioteca Pública do Paraná tem sido quebrado. Mas, neste caso, por uma boa razão. “Música na Biblioteca” é mais um projeto que visa transformar a BPP em um espaço de convivência, trazendo para o prédio histórico pessoas que não costumam frequentar a Biblioteca com regularidade. Realizado sempre às sextas-feiras, às 17h30, o projeto apresenta, gratuitamente, as diversas facetas da produção musical curitibana. A cada edição, um gênero musical será escolhido. Estão programadas apresentações de MPB, música barroca, chorinho, música indiana, tango e samba, que serão realizadas no Hall Térreo da BPP, com duração média de uma hora.

O projeto estreou no último dia 14 de abril com o duo formado pela instrumentista e compositora Ana Sônia Barros e a pianista Ana Cláudia Ibrahim. Elas apresentaram um repertório eclético, com influências de música erudita, MPB e clássicos do *rock & roll*. Para Ana Sônia Barros, a iniciativa é uma oportunidade única de trazer ao público da BPP a diversidade do universo musical. “É fantástico ver famílias inteiras prestigiando a música erudita,



Legenda

apreciando o trabalho de artistas locais. Muitas vezes, no dia a dia, as pessoas não têm acesso a este tipo de conteúdo, por isso, é importante que os espaços culturais da cidade abram as portas para outros tipos de propostas”, comenta Ana Sônia. Já a pianista Ana Cláudia Ibrahim acredita que a abertura da BPP à música enriquece a programação local e beneficia os usuários. “A gente vê que as pessoas se interessam por música erudita, mas, muitas vezes, os locais culturais que elas frequentam não ofe-

recem esse tipo de programação. Quando a Biblioteca Pública oferece isso, ela também cresce, já que leitura e música estão interligadas, são linguagens que se complementam. Poderíamos, inclusive, ter música boa todos os dias”, sugere a pianista.

História

O projeto teve dois momentos antes de sua consolidação. Em 2011, durante a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, ocorrida entre 24 e 29 de

outubro, o pianista e tecladista Marcelo Torrone, integrante da banda curitibana Wandula, se apresentou durante cinco dias na Biblioteca, com performances elogiadas, que atraíram grande público. Em março de 2012, na comemoração dos 155 anos da Biblioteca, foi realizada uma série de encontros, com diversos músicos da cidade, que se revezaram durante uma semana no palco armado no hall da BPP, moldando o formato que o projeto iria adquirir na sequência.

Para Tatjane Garcia, responsável

Fotos: Guilherme Magalhães

pela curadoria do “Música na Biblioteca”, o objetivo das apresentações é mostrar ao público a versatilidade da produção musical curitibana e estimular a convergência entre as diversas manifestações artísticas. “Curitiba é uma cidade musicalmente privilegiada. Temos bons nomes em muitos gêneros”, afirma.

Corroborando a opinião da curadora, a programação de aniversário da BPP trouxe artistas de diferentes vertentes, mas todos reconhecidos no cenário local, como o violonista curitibano Murillo da Rós, o ex-guitarrista da Legião Urbana Kadu Lambach, que trouxe um repertório composto de clássicos do *rock* nacional, o duo de flauta e piano com Ana Sônia Barros e Ana Cláudia Ibrain, que misturou o erudito e o popular em seu repertório, e o chorinho do clarinetista Sérgio Albach, que foi acompanhado pelo violonista Lucas Melo e do bandolinista e compositor Daniel Migliavacca. Para o estudante Matheus Salomão, que tem acompanhado as apresentações na BPP, é importante trazer outros tipos de experiência a um ambiente de leitura. “A minha relação com a Biblioteca é semanal, venho sempre emprestar livros, ler os periódicos. Com a música, o tempo que dedico à cultura é ainda melhor aproveitado.”

Programação

Segundo Tatjane Garcia a presença de músicos na Biblioteca está em consonância com os vários outros projetos hoje em andamento na BPP, que visam torná-la um espaço cultural referencial, vivo e atuante, da cultura curitibana e paranaense “A Biblioteca Pública tem se tornado um espaço cultural diversificado que incentiva a arte e a cultura de diversas maneiras. Trazer a música para receber os usuários e integrá-la ao cotidiano da biblioteca é uma delas. Ao investir na integração destas linguagens artísticas, aproxi-



Legenda

mando música, literatura e leitura, por meio de apresentações musicais, estamos propiciando outras formas de leitura aos nossos usuários e visitantes, além de promover uma ação de sensibilização cultural.” Experiente produtora musical, Tatjane elabora a curadoria mês a mês. Ela lembra que os músicos interessados em participar da programação podem encaminhar propostas e currículo para a Divisão de Difusão Cultural da BPP.

Importância

Além de proporcionar o diálogo entre leitura e música, o projeto também tem reunido famílias inteiras nas apresentações. Pensando nas crianças, a BPP criou o “Aventuras Musicais”, de periodi-

cidade mensal e voltado ao público infantil. Na estreia do projeto, a banda Maxixe Machine fez um show vibrante no palco do auditório Paul Garfunkel, baseado no repertório do disco ABC do Lá-Lá-Lá. Para Thaís Flescher, mãe de dois filhos pequenos, trazer as crianças e os jovens à BPP tem importância fundamental no processo pedagógico. “Eles estão crescendo tendo o universo cultural como algo natural. Toda semana meus filhos escolhem os livros que querem ler e ouvem atentamente a programação musical da biblioteca. Às vezes, são eles que me lembram da programação”, afirma. Já advogada Sheila Jorge, mãe de um filho de cinco anos, acha que a BPP realiza uma função social essencial. “São raros os espaços culturais com a diversidade da

Biblioteca. Aqui se pode ler, participar de oficinas, conferir peças de teatro e ainda ouvir a produção dos músicos da cidade”

Com uma cena musical rica e diversificada em Curitiba, o projeto também é uma forma nova de estimular a produção local, abrindo mais um espaço para os músicos e também proporcionando a eles contato com um público diferente. “Temos trabalhado com músicos consagrados na cena musical de Curitiba e também com novos talentos. Alguns artistas estão, inclusive apresentando trabalhos autorais muito consistentes. Vale destacar que a música tem agradado tanto nosso público externo, quanto interno. Os funcionários da Biblioteca têm acompanhado e aprovado a programação”, diz Tatjane. ■

O DESTINO DO ALMIRANTE NOLASCO

ROBERTO GOMES

Após quinze dias de agonia — talvez fossem anos, séculos, perdera a noção de tempo desde que se entrevara naquela cama — e de delírios infindáveis, ocupados em viagens a universos distantes e a escuridões as mais tenebrosas, mergulhado em devaneios diversos, sonhos catastróficos, solfejando cantorias e murmurando frases quilométricas a respeito das barbaridades que praticara ao longo da vida e das patifarias que vira acontecer diante de seus olhos cansados, o Almirante Nolasco abriu por fim as pálpebras que mantivera serradas com a determinação de quem sabe o que quer e o que não quer ver, varrendo com algum desprezo o velório armado a sua volta com um olhar galhofeiro e disparando o que pensou ser um riso de mofa, mas que aos presentes pareceu um último esgar de moribundo. Conferiu o susto estampado nos rostos que o cercavam — filhos, noras, netos, vizinhos, duas amantes recentes, uma ex-amante que ele odiava e que não entendeu porque estava ali, o fornecedor de vinhos que o acompanhava há mais de trinta e cinco anos, o prefeito de São José das Águas com seu beijo esticado e frouxo, as sobranceiras robustas expressando surpresa com tamanha resistência diante da morte mostrada pelo financiador de suas campanhas políticas e seu eleitor mais ilustre. Ao pé da cama, o padre Perquet com seu ridículo nariz interrogativo e o insuportável

fedor de santidade. Diante de tais autoridades constituídas e criaturas familiares suspeitas, Nolasco declarou que estava cansado de ficar naquela cama, morrer era coisa muito mais difícil e artilosa do que jamais imaginara, *puta que o pariu, se afastem que vou me sentar*, disse com voz roufenha.

Temerosos como se estivessem diante de um defunto que salta da tumba, todos se afastaram, menos a filha mais nova, que estendeu a mão para que o Almirante nela se apoiasse. Num primeiro momento, ele hesitou, tentando recusar a oferta, mas, ao se dar conta de que era Felícia quem lhe estendia a mão, sorriu, engasgou, gemeu, tossiu, e aceitou a ajuda, sentando-se com muita dificuldade depois de soltar vários puns e disparar rudes palavrões, curvado sobre seus ossos, que pareciam desconjuntados por debaixo da pele transparente.

Fernando, um de seus sobrinhos — mais um daqueles, como Nolasco dizia sempre, que viviam às suas custas — saiu correndo do quarto e foi buscar dona Ercília, há dois dias refugiada numa edícula aos fundos do terreno, não mais suportando ver o marido perdido naquele sofrimento inominável, naquela exposição vergonhosa. Na verdade, ela se desesperava com as façanhas indecentes que ele contava, alardeando as maldades que cometera em vida e fazendo relato das trapaças que testemunhara com

seus olhos miúdos. Ela quase caiu de costas quando ele narrou com minúcias de ourives as roubalheiras do prefeito e amigo, Tenório Fraga, que estava ali a seu lado, boquiaberto, beicola solta. O danado do seu marido riu ao dizer que o amigo prefeito, vindo da miséria, juntara mais dinheiro nos últimos dez anos do que ele próprio pudera ameaçar no curso de sua longa vida. Não bastasse, Ercília teve que engolir em seco quando o Almirante seu marido murmurou para o travesseiro, com voz calculada de radialista de fim de madrugada, todas as bandalheiras que disse aos ouvidos de suas amantes, sem esquecer de declinar seus nomes, grossuras de coxas e maciez de pele, mesmo os cheiros mais íntimos, a cor e a consistência dos pentelhos, detalhes que ele fora capaz de guardar em sua robusta memória. A respeito de duas amantes, dona Ercília tinha conhecimento há muitos anos, uma por inconfidência de uma vizinha e, outra, quando o escândalo estourou em toda a cidade e não houve quem, mesmo surdo e cego, não soubesse o que se passara entre o Almirante e a “tremeluzente Roxana”, como ele repetia aos ouvidos do travesseiro. Mas o que fez com que Ercília se recolhesse à edícula foi a citação de outras amantes das quais jamais desconfiara, numa enfiada de nomes e datas e detalhes escabrosos a respeito das mais variadas possibilidades sexuais. Da lista



Ilustração:
Iuri De Sá

que ouviu, Ercília guardou o nome de uma prima, vesga e gorda, que o Almirante brincou com um adjetivo que ela para sempre se recusaria a repetir, motivo pelo qual não é registrado aqui. Logo depois, ele teve um acesso de tosse que parecia fadado a levá-lo direto para o outro mundo — situado na mais profunda volta do inferno, ela calculou — mas foi apenas mais um susto. Pronto se recuperou e seguiu com a nomeação acelerada de suas bandalheiras e só lá pelas seis da manhã voltou a falar de política, de tram-biques, de gente covarde que sugara seu dinheiro, de patifes que se diziam amigos, mas que não passavam de uns “mentirosos torpes”, a mesma gente que o traíra quando da última eleição da qual participara como candidato a deputado, quando acabou rejeitado feito um cão leproso.

Os que estavam a sua volta se olhavam suarentos e pensavam que era uma sorte que a voz dele fosse falha e os beijos não lhe obedecessem direito na tarefa de dizer as palavras, motivo pelo qual muito do que dizia não se conseguia entender. Ainda bem, pensavam. Mesmo assim, todos — o filho mais velho, que num momento de fúria o Almirante chamou de sanguessuga, dona Ercília, e sobretudo o prefeito, com sua bota larga e dura — passaram a arrastar os pés no chão, a tossir, a mexer na cama do enfermo, a falar alto e a dar risadas fora de hora, tentando impedir que os relatos escabrosos do Almirante chegassem por inteiro aos ouvidos a seu redor. Mesmo assim, lá pelas tantas, seu Mirante Bastos, o vizinho, pegou dona Martinha, sua mulher, pelo braço e a arrastou porta afora, quando o Almirante começou a contar, entre risotas, a respeito de um estudante que por uns tempos parara na casa dos vizinhos para fazer o vestibular e que, numa noite de chuva em que Mirante Bastos ficara ilhado na fazenda, aceitara o convite de dona Martinha, vestida de camisola transparente, para tomar um chazinho, coisa que a cidade inteira sabia, não havia motivo para se ofender, e foi quando... O resto não se ouviu e nem

podemos narrar aqui, já que não se guardou registro, pois neste momento dona Ercília deu um grito que calou o moribundo e foi se refugiar na edícula.

Agora, trazida pelo genro, dona Ercília estacionou ao lado do marido e não acreditou no que via. O marido, sentado na cama, embora murcho e amassado feito um lençol usado, fumava um cigarro que pedira ao prefeito.

— Vai te fazer mal, advertiu docemente dona Ercília.

— Que mal pode me fazer um cigarro?— Perguntou ele, piscando um olho, o esquerdo, sobre o qual ainda lhe restava algum controle e maestria.

E Nolasco, soltando uma baforada, que fez dona Ercília lagrimejar, pediu então ao amigo prefeito para tomar nota de algumas coisas que queria declarar antes de esticar as canelas. A referência ao iminente esticar das canelas do Almirante provocou soluços na filha Felícia e em dona Ercília, enquanto a determinação do moribundo em fazer declarações a respeito do que deveria ser feito depois de sua morte, fez com que parentes e amigos se juntassem para mais perto da cama, ouvidos atentos, momento solene em que até mesmo as botas duras e rudes do prefeito passaram a se mover com grande maciez contra o chão de tábuas largas, martirizadas pelo tempo e o uso descabido.

Começou enumerando suas propriedades, aquelas que tinha e as que um dia haviam sido suas ou pretendia que o fossem mas que, por isto ou por aquilo, não chegara a adquirir por culpa de alguns filhos da puta — insistiu: *anote, Bastos, anote que são filhos da puta* — que lhe estropiaram os caminhos dos negócios. Concluída a lista, que seria completada por outra devidamente guardada no sótão, dentro de uma lata de biscoitos, na qual relacionara os bens que um dia vendera a preço vil devido a perseguições políticas, ele disse que de nada adiantava a um cristão ter todas aquelas riquezas se não era mais capaz nem mesmo de go-

vernar o próprio rabo, motivo pelo qual ali estava soltando puns na cara de todos. Portanto, queria que suas propriedades materiais e espirituais, sobretudo as que jamais adquirira e que estavam incluídas em declarações que jamais fizera, fossem doadas para o hospital da cidade, embora *aqueles putos daqueles médicos* — *anota direito, Bastos!* — não tivessem conseguido lhe dar pelo menos mais uns dez anos de vida, o que ele bem que merecia.

Depois falou dos filhos, repreendeu mais uma vez cada um, embora misturando suas idades, características e importâncias. Colocou cabelos crespos em Jeruza, olhos macios e verdes em Antônio, insistiu que Manoela, sendo a mais velha — quando era a do meio — deveria cuidar dos negócios e que Túlio, sendo o mais jovem — quando era o mais velho — deveria sair de casa de uma vez, pois não estudava, não trabalhava, não produzia nada, além de ser um boquirroto miserável, sempre pronto a destratar tanto o pai quanto a mãe, além de já ter comido a filha do prefeito.

Foi quando se desencadeou um estrondoso pisotear de chinelos e sapatos, um frenesi de empurrar cadeiras, ataques de tosse, as botas duras e rombudas do prefeito raspando o madeirame com fúria singular. O Almirante deu uma última tragada no cigarro, disse *puta que merda, estou cansado pra caralho*, e estendeu a xepa ao prefeito, que a pinçou com dois dedos cautelosos.

Então, apoiado nos braços da filha Felícia, Nolasco se abandonou ao leito, com seu esqueleto miúdo exibindo uma quantidade assustadora de ossos por debaixo de suas peles espetadas por tanta magreza. Passou um olhar definitivo a sua volta e disse, com voz de quem se afasta ao longo de um corredor muito estreito e muito escuro, *me perdoem, mas eu já estou cansado de tanto morrer, há mais de mês que eu não faço outra coisa senão morrer, puta que o pariu, não há quem aguentar uma coisa dessas*.

Foi quando, fechando os olhos, morreu para sempre.



RETRATO DE UM ARTISTA



ARTHUR RIMBAUD

Por **Ricardo Humberto**

Jean Nicholas Arthur Rimbaud nasceu em 20 de outubro de 1854 em Charleville, França. Autor de *O barco ébrio* (1871) e *Uma temporada no inferno* (1873), teve uma vida conturbada, mergulhada em boatos, especulações e polêmicas. Toda a sua obra foi produzida entre os 16 e 19 anos. Abandonou a carreira literária para ganhar dinheiro como comerciante e vendedor de armas na África. Voltou para a França apenas depois que ficou doente, com câncer, e morreu aos 37 anos, em 1891, seis meses depois de amputar uma das pernas.



Ricardo Humberto é ilustrar e colaborador de vários jornais, como *Rascunho* e *Gazeta do Povo*. Vive em Curitiba (PR).



TENTANDO EXPLICAR A M. O QUE É SAUDADE

Pense num amor
que você nunca teve
e perdeu

é como ter saudades
de um cachorro
que você nunca teve

ontem por exemplo
lembrei-me das palavras
que naquele dia
você quase falou

e no entanto
hoje você volta
ao lugar exato
em que não esteve

 **Ana Martins Marques** nasceu em 1977 e é autora dos livros *A vida submarina* (2009) e da *Arte das armadilhas* (2011). Vive em Belo Horizonte (MG).

